



ESCREVENDO UM ARTIGO ACADÊMICO ANTES MESMO DE ESCREVÊ-LO: SISTEMA DE NOTAS, ERROS E ACERTOS EM ESTRATÉGIAS DE PRÉ-ESCRITA NA PESQUISA JURÍDICA ¹

Fayga Silveira Bedê²
João Carlos Relvão Caetano³
David Sobreira⁴
Horácio Neiva⁵

RESUMO

O pano de fundo deste artigo está permeado por uma inconfessável tendência de nos afogarmos até em copo d'água. Movidos pelo desejo de romper com certas dificuldades e limitações autoimpostas, mobiliza-nos a vontade de aprimorarmos nossos processos, passando a escrever com mais ordem, paz e alegria, a fim de aportar nossas contribuições ao desenvolvimento da área jurídica dentro de uma perspectiva de serviço aos demais pesquisadores. Nesse cenário, questionamos: como é possível instituir uma nova dinâmica de trabalho, utilizando técnicas de pré-escrita como estratégia de potencialização das nossas pesquisas? Como podemos escrever um texto de ourives, bem-acabado, se, no campo do Direito, estamos tão premidos por uma demanda oceânica de leituras? Como organizar o tempo de leitura e o tempo de escritura, dividindo-nos entre tarefas tão exigentes, sem que os esforços de uma arrefeçam os que devotamos à outra – e vice-versa? Que estratégias podemos empregar para que, na verdade, leitura e escrita se fundam em uma só e mesma coisa? Em busca de respostas para esses – e outros – desafios: (i) recorreremos à revisão de literatura interdisciplinar, a fim de suprimos certa escassez bibliográfica sobre o tema da pré-escrita na literatura metodológica do Direito; (ii) adotamos uma abordagem autoetnográfica, por meio de metalinguagem, buscando converter o próprio *making of* do processo de escrita deste texto em matéria-prima para a nossa pesquisa; (iii) por fim, contamos com o esteio de nossos coautores, partilhando de sua *expertise* quanto ao emprego de técnicas de leitura ativa e do sistema de anotações desenvolvido por Luhmann, que o concebeu como um diálogo contínuo com sua “caixa de notas” (*zettelkasten*). Assim, entendemos ter alcançado nosso objetivo de maximizar a dinâmica entre leitura e escrita, vivenciando e apresentando diversas técnicas de leitura ativa, de pré-escrita e de anotação. A potência dessa proposta está em promover uma saudável

¹ Este artigo jamais teria sido possível sem a retaguarda de inúmeras pessoas, cujas preces, carinho, torcida, apoio técnico e logístico costumam ser invisibilizados nos textos acadêmicos em virtude de sua natureza mais etérea. Contudo, devemos tanto a essa contribuição silenciosa que não nos seria possível cumprir a formalidade de omiti-la, pois, como disse o poeta: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos”. (Melo Neto, 1994, p. 345). Assim, em razão dos limites de espaço, agradecemos a todos, em nome destes: Ricardo Cavalcanti, Rose Mary Moreira, Valdecírio Bedê e família, Cleo Balbuena, Isabela de Carvalho, Camilla Studart, Pe. Paulo Sérgio Martins, Altíeres Oliveira, Patrícia Costa, Mateus Rocha, Edileuza C. Cunha – e aos pacientes diagramadores a quem caberá este texto.

² Professora Permanente do Mestrado e da Graduação em Direito do Centro Universitário Christus (Unichristus). Editora-Chefe da Revista Opinião Jurídica. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza (CE), Brasil. **E-mail:** bedegayga@gmail.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-6444-2631>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1585343653527993>.

³ Doutor em Ciências Políticas pela Universidade Aberta (Portugal), onde é Professor Associado no Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, além de Vice-Reitor para os Assuntos Institucionais e Comunidades de Língua Portuguesa. Licenciado em Direito e Mestre em Economia Europeia pela Universidade de Coimbra. Presidente da Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior (APEES). Ex-membro do Conselho de Administração da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA) Lisboa, Portugal. **E-mail:** joao.caetano@uab.pt. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2833-5107>.

⁴ Mestrando em Direito [LL.M.] (Harvard Law School - HLS). Mestre em Direito (Centro Universitário Christus - Unichristus). Pós-graduado em Direito Constitucional (Academia Brasileira de Direito Constitucional-ABDConst). Bacharel em Direito (Unichristus). Apresentador do Onze Supremos Podcast. Cambridge, Massachusetts (EUA). **E-mail:** sobreira.david@hotmail.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-3648-8496>.

⁵ Doutor e Mestre em Direito (Universidade de São Paulo - USP). Graduado em Direito (Universidade Federal do Piauí - UFPI). Professor da Escola de Direito Aplicado do Instituto de Ensino Superior (iCEV). Teresina (PI), Brasil. **E-mail:** horacio@horacioneiva.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8882-1396>.

diluição das fronteiras entre leitura e escritura, afastando qualquer tensão desnecessária entre o tempo dedicado a cada uma. Com efeito, ao tratarmos leitura e escrita como tarefas simultâneas e complementares, ganhamos uma visão mais orgânica e harmoniosa da atividade de pesquisa.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Técnicas de pré-escrita; Caixa de notas (*zettelkasten*); Sistema de anotações de Luhmann; Pesquisa jurídica.

*WRITING AN ACADEMIC ARTICLE BEFORE EVEN WRITING IT:
SYSTEM OF NOTES, ERRORS AND SUCCESS IN PRE-WRITING STRATEGIES IN
LEGAL RESEARCH*

ABSTRACT

The background of this article is permeated by an unspoken tendency to drown even in a glass of water. Driven by the desire to overcome certain difficulties and self-imposed limitations, we are motivated by the will to improve our processes, starting to write with more order, peace, and joy, in order to contribute to the development of the legal field from a perspective of service to other researchers. In this context, we ask: how is it possible to establish a new work dynamic, using pre-writing techniques as a strategy to enhance our research? How can we write a well-crafted, polished text, if, in the field of law, we are so pressed by an oceanic demand for readings? How can we organize reading time and writing time, dividing ourselves between such demanding tasks, without the efforts in one weakening those we devote to the other – and vice versa? What strategies can we employ so that, in fact, reading and writing merge into one and the same thing? In search of answers to these – and other – challenges: (i) we resort to a review of interdisciplinary literature, to address a certain bibliographic scarcity on the theme of pre-writing in the methodological literature of law; (ii) we adopt an autoethnographic approach, through metalanguage, aiming to turn the very making of the writing process of this text into raw material for our research; (iii) finally, we rely on the support of our co-authors, sharing their expertise in the use of active reading techniques and the note-taking system developed by Luhmann, who conceived it as a continuous dialogue with his "box of notes" (*zettelkasten*). Thus, we believe we have achieved our goal of maximizing the dynamic between reading and writing, experiencing and presenting various techniques of active reading, pre-writing, and note-taking. The power of this proposal lies in promoting a healthy dilution of the boundaries between reading and writing, eliminating any unnecessary tension between the time dedicated to each. Indeed, by treating reading and writing as simultaneous and complementary tasks, we gain a more organic and harmonious view of the research activity.

Keywords: Academic writing; Pre-writing techniques; Box of notes (*zettelkasten*); Luhmann's system of notes; Academic Law research

Artigo submetido em: 9 de outubro. 2024

Aceito em: 20 de dezembro. 2024

DOI: <https://doi.org/10.37497/revistacejur.v12i00.447>

1 Antes de pôr o pé na estrada, faça um *check-up*, aqueça e alongue (seu texto agradece)

“Não sei o que *quero* escrever até ver o que escrevi” (C. S. Lewis)⁶.

“Quando escrevo, me sinto como um homem sem braços nem pernas, com um giz de cera na boca” (Kurt Vonnegut).

“Por meio das dificuldades, rumo às estrelas” (Sêneca).

Claro que esta *não* é a primeira frase que você lerá. Se ela aparece aqui na página, é só porque [até agora] não encontramos um modo mais surpreendente de abrir este artigo do que assumindo que ainda não temos o começo de que gostaríamos. Além de honesto, esse relato nos permite demonstrar, na prática, em tempo real, um exemplo de como a pré-escrita pode nos ajudar a superar o fantasma da página em branco⁷.

Começar com a tranquilidade de não termos começado oficialmente, sob a firme promessa de que voltaremos mais tarde para arrumar as coisas, pode nos libertar da masmorra emocional da <<Primeira Frase Perfeita>>. A esse respeito, Jensen (2017) nos orienta a dar livre vazão ao modo *escritor*, deixando que este digite como bem entender nas etapas de pré-escrita e rascunho. Ao mesmo tempo, nessa fase inicial, incentiva-nos a manter o modo *editor* sob rédeas curtas, deixando para empregá-lo somente nas etapas posteriores de revisão e edição. Portanto, a proposta de Jensen consiste em dar um uso mais funcional àquele traço de perfeccionismo que poderia se tornar patológico, caso não houvesse ninguém de olho nele.

Porém, até encontrarmos na literatura um mecanismo que destravasse o início desse texto, estivemos *semanas* à deriva, em pleno alto mar, assistindo ao prazo de envio deste artigo esboroar-se diante de nossos olhos, em sombria estupefação. Como ainda não dispúnhamos de uma bússola que nos recolocasse numa rota viável, acabamos rendidos pelo *perfeccionismo* – um pirata capaz de roubar para si bibliotecas inteiras, repletas de livros sonhados e jamais escritos, por autores [assim como nós] feitos dele, prisioneiros.

⁶ O comentário em epígrafe integra uma coletânea de fragmentos esparsos coligidos sob a forma de conselhos de estilo, que podemos conferir em Lewis (2023).

⁷ Como o leitor acaba de constatar por si mesmo, inauguramos o texto com uma quebra de expectativa, pois que a primeira frase é exatamente o que anuncia não ser. Perplexidades à parte, essa opção preserva a autenticidade de um texto em que tratamos de pré-escrita, enquanto aplicamos os seus princípios.

Como presa fácil desse corsário, vimos a nossa pequena nau sucumbir ao sequestro de toda racionalidade, pilhados por um *looping* infinito de elucubrações, que nos levava a patrulhar, dia e noite, todos os rincões do oceano, numa busca exaustiva e febril, pela mitológica primeira frase perfeita. Com ela, haveríamos de abrir este artigo como Moisés abriu o Mar Vermelho, e conquistaríamos a atenção do leitor em detrimento de milhares de gatinhos fofinhos que pululam na Internet, atraindo, para o restante do texto, seu entusiasmo e confiança – ou, se não de todos os leitores, ao menos dos três cavalheiros que nos escudam em coautoria.

[suspiros]

A verdade é que, transidos de soberba (e de medo), havíamos dilapidado sucessivos prazos, pondo expectativas tão grandes sobre ombros tão estreitos, que nosso único resultado concreto fora demitir qualquer possibilidade *real* de começar este artigo – o que não deixa de ser a mais fina ironia, já que o objetivo do presente trabalho seria justamente o de ajudar outros pesquisadores a desempacarem suas produções acadêmicas.

[É mais provável que este exercício de pré-escrita não chegue a constar na versão final, pois poderia minar a confiança ainda tênue que o leitor nos concedeu, visto que nos conhece há pouco mais de uma página. Por outro lado, ao mantermos um tal registro, teríamos a oportunidade de demonstrar, *ao vivo*, as vantagens de se dispor de uma “caixa de ventilação” – espécie de arquivo secreto em que escritores bloqueados podem despejar toda sorte de neuroses metalinguísticas sobre seu trabalho, enquanto estão tentando aprender a lidar com ele].

Mas agora que nos perdemos em embaraçosas confissões, a perplexidade do leitor chega a ser quase tangível, pois tudo de que um cego menos precisa é cair nas mãos de outro, a guiá-lo para o abismo. Portanto, é compreensível que esteja a esperar uma boa explicação: afinal, se partimos do objetivo declarado de ajudar escritores em apuros, não deveríamos ser os primeiros a ter um processo de escrita mais saudável?

Sim, e não.

É que, do lado de cá, somos um grupo de quatro pesquisadores, formando um conjunto de autores de perfil heterogêneo. Para a maior tranquilidade do leitor, contamos com três coautores sensatos, metódicos e eficientes a bordo, prontos para compartilhar sua *expertise* no decurso do trabalho. No entanto, calhou de a introdução ficar ao encargo da primeira autora, cujo patológico processo de escrita ainda está em fase de remissão. Assim, por honestidade

intelectual, a referida autora optou por sacar, de sua própria experiência, alguns exemplos *do que não fazer*.

Por isso mesmo – está decidido –, deixaremos que venha a público este exercício de pré-escrita, pois, por vexatório que seja, serve-nos para alertar outros escritores bloqueados do quão deletério pode se tornar o processo de escrita, quando deixamos que nosso amor à perfeição se degrade no mais estéril perfeccionismo. Sendo este uma forma corrompida de busca da perfectibilidade, desvia-nos do ideal de autoaperfeiçoamento, como desejo de melhor servir, para nos enredar na teia diáfana (e quase imperceptível) do culto do amor de si. O perfeccionismo é patológico porque nos paralisa e emudece, engolfando, no seu líquido oceânico, toda a alegria de pensar e de criar com liberdade.

Portanto, se nos permitimos compartilhar este longo desabafo, que é também o nosso estranho modo de desbastar o medo de estar aqui, é porque outros escritores fizeram o mesmo por nós, chamando-nos de volta à razão. Carreira (2024) começa por nos lembrar de que não se pode alcançar o (per)feito sem o feito, porque a perfeição pressupõe a humildade de seguir fazendo e se aperfeiçoando. Essa mesma verdade, simples e potente, também está na prosa de Lamott (2022, *e-book*), que avisa aos navegantes: “[...] você não pode editar e revisar material que ainda não existe”.

Por fim, nada melhor para encerrar este preâmbulo *nonsense* do que fazendo nossas as palavras de Van Gogh (2002, *e-book*). Numa ocasião em que, apesar de todos os seus esforços, o pintor simplesmente não conseguia fazer uma tela evoluir a contento, ele mesmo buscou consolar-se. Em carta a Theo, seu irmão, datada de abril de 1882, Van Gogh procura ser compassivo consigo mesmo e com o seu processo criativo, enquanto mantém os pés bem firmes em sua jornada rumo à perfeição:

Naturalmente, contudo, esta não é uma razão para que eu me sinta satisfeito com minha obra a ponto de acreditar que não precisaria melhorá-la. Mas o caminho para fazer melhor mais tarde é fazer hoje tão bem quanto possível, e então naturalmente haverá progresso amanhã.

É curioso que o início de nossa redenção, no enfrentamento deste texto, tenha se dado justamente assim, pelas mãos de um gênio tão atormentado quanto Van Gogh. Havíamos navegado a esmo, durante semanas, lendo vorazmente uma espiral de referências, não só para aclarar nosso problema de estudo; mas também como um *pretexto* para postergar o início do

processo de escrita, sob os olhares atônitos de coautores, familiares, amigos e confidentes, que, já indóceis, viam sua paciência derreter-se como os relógios de Dalí⁸.

Pois bem.

Ao contemplarmos o jardim insone – numa daquelas típicas madrugadas em que se procrastina, maratonando vídeos contra procrastinação –, esbarramos nessa tríade de epifanias, que nos conduziria de volta à superfície: Carreira, Lamott e Van Gogh, juntos, numa força-tarefa, para nos mostrarem que, ao contrário do dito popular, o feito *não* é melhor do que o perfeito; contudo, não chegaremos ao perfeito sem abraçarmos, antes, toda a imperfeição do processo. Este artigo é uma pequena caixa de ferramentas que vai nos ajudar a não desistir no caminho.

2 Para construir uma obra nova, use tapumes – não muros

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. No princípio estava ela com Deus. Tudo foi feito por meio dela e sem ela nada foi feito” (João 1, 1-3).

Começamos e recomeçamos este tópico, erguendo uma parede de frases trôpegas que mal se punha de pé. Decidimos, então, descartar tudo em um arquivo paralelo, que costumamos criar, a cada novo projeto, para nele depositarmos todos os fragmentos que não estejam funcionando bem aqui na página. Mais tarde, muitas epifanias podem vir precisamente daí. Assim, para facilitar o jogo de recorta-e-cola, mantemos esse “quartinho de despejo” sempre aberto, e o revisitamos, durante todo o processo de escrita, em busca de soluções inesperadas.

Ora, a provisoriidade é o pano de fundo da própria ideia de pré-escrita, o que implica um sem-número de tentativas, erros e desvios de rota. Por isso, quando um texto simplesmente trava, a solução pode estar fora dele, em uma caminhada⁹, uma noite de sono decente¹⁰, uma conversa, um café. Ter um leitor de controle (Bedê; Veloso; Bezerra; Barcelos, 2020) também pode ser muito eficaz. Ainda que seu interlocutor seja de outra área de conhecimento,

⁸ Alusão à emblemática tela de Salvador Dalí “A persistência da memória”, concluída pelo surrealista espanhol em 1931.

⁹ Sobre os efeitos positivos da caminhada sobre o pensamento criativo, confira: Oppezzo e Schwartz (2014).

¹⁰ Para ganhar consciência sobre o impacto do sono (ou da ausência dele) sobre nossas vidas: Walker (2018).

recomendamos que se trate de alguém qualificado, e que realmente se importe com você, de modo que seu *feedback* não seja complacente, nem tampouco incivilizado.

Assim, munidos de um bloco de notas e de uma caneta de nanquim de ponta macia, a fim de registrarmos eventuais *insights*, elaboramos os (des)caminhos deste artigo, em uma conversa¹¹ recendendo a café, sentados, no jardim de casa, sob o olhar indolente de nossos gatos, no lusco-fusco da tarde, tentando explicar, numa linguagem crua e direta, qual é, afinal, o desenho desta pesquisa, porque o esforço de elaborarmos ideias que ainda parecem um tanto etéreas, diante de um interlocutor amigável, não só ajuda a formalizar o próprio pensamento, como também, a desvelar seus pontos cegos.

A conversa girou em torno de quatro perguntas fundamentais: (i) o que é o problema? (*gap*); (ii) por que o problema em questão é relevante? (justificativa); para que pesquisaremos sobre isso? (objetivos); como pretendemos atingir nossos objetivos de pesquisa? (metodologia). Gaguejando aqui e ali, fomos, aos poucos, elucidando, em alta voz, os pontos cardeais do presente artigo, com base nas contribuições recebidas dos demais coautores.

Ora, uma boa forma de montar o *design* de uma pesquisa, é começar pela *pergunta de partida*, que, em nosso caso, sintetizamos assim: “como usar um sistema de notas e de estratégias de pré-escrita, de modo a reduzir as dificuldades subjetivas e operacionais envolvidas no processo de escrita acadêmica, implementando práticas mais proficientes e fluidas, com vistas a resultados de qualidade para a pesquisa jurídica?”

Note que a pergunta da qual decorre a pesquisa não põe em discussão *se* escrever academicamente é mesmo difícil, mas questiona, tão somente, *como* tornar essa atividade menos árdua e mais exitosa. Portanto, o modo como formulamos a pergunta de partida implica o reconhecimento tácito de que: (i) escrever [bem] é uma das mais desafiadoras atividades intelectuais existentes; (ii) escrever em um contexto acadêmico, sob o escrutínio de bancas examinadoras, de pareceristas externos ou de público especializado, aumenta (em muito) o grau de exigência inerente à tarefa; (iii) e, por fim, escrever numa área de conhecimento como o Direito, muito voltada à qualidade da pesquisa bibliográfica, obriga-nos a lidar com um volume

¹¹Entre as estratégias sugeridas por Provost (2017), para destravar um bloqueio de escrita, está a boa e velha conversa. A ideia é dizer para alguém, em alta voz, o que não estamos conseguindo dizer na página.

maior de leituras, se comparado a áreas mais empíricas, exigindo um sistema de notas mais proficiente, que nos ajude a evitar uma sobrecarga informacional.

A constatação de que escrever é sempre um desafio se apoia tanto na observação do senso comum douto, quanto em nossas próprias experiências acadêmicas, no exercício de múltiplos papéis, como autores, avaliadores de periódicos, orientadores e/ou editores. Em apoio a essa premissa, é comum que até autores aclamados – de qualquer gênero – corroborem a mesma percepção, atestando o grau de complexidade inerente ao processo de escrita (Currey, 2013; Flaubert, 2005; Hemingway, 2011; King, 2015; Lamott, 2022; Zinsser, 2021)¹². O testemunho de Zinsser impressiona, pois, a despeito de seu clássico manual sobre técnicas de escrita, ele não tenta mascarar o grau de dificuldade envolvido no ofício:

Escrever é um trabalho árduo. Uma frase clara não é acidental. Poucas frases surgem prontas logo de cara, ou mesmo depois de duas ou três vezes. Lembre-se disso nos momentos de desespero. Se você acha difícil escrever, é porque é mesmo difícil (Zinsser, 2021, *e-book*).

Uma vez traçada a pergunta de partida, delimitamos, como *objeto de estudo*, o conjunto de estratégias de anotação e de pré-escrita experienciadas antes e/ou durante esta pesquisa, com vistas à redução das dificuldades subjetivas e operacionais da escrita acadêmica, em face do aperfeiçoamento das práticas de escrita acadêmica na área jurídica.

Esclarecido o objeto de estudo, o leitor pode se perguntar: o que há de problemático nele? O que está em jogo nessa pesquisa? Quais os riscos envolvidos? Quais são os sujeitos potencialmente afetados? Ora, o *problema* de pesquisa subjacente ao estudo das estratégias de pré-escrita em textos acadêmicos diz respeito às consequências negativas que podemos sofrer, se, desprovidos de boas estratégias, continuarmos inertes, sem conseguirmos escrever. No universo acadêmico, a escrita é um dever, não uma escolha. Portanto, perdas e danos profissionais, acadêmicos, intelectuais, econômicos, sociais e culturais podem recair sobre pesquisadores inertes e sobre todos aqueles [de qualquer parte do mundo] que seu trabalho deixa de beneficiar, quando não conseguem vencer os desafios do processo de escrita. Na vida acadêmica, não podemos nos contentar em repesar, conosco mesmos, o conhecimento auferido na pesquisa. É preciso que o convertamos em um resultado posterior, que possa ser publicado e divulgado em favor de toda a sociedade.

¹² A lista, por óbvio, é meramente ilustrativa.

Assim, quando o pesquisador não logra superar os obstáculos do processo de escrita, ele termina por esvaziar o próprio sentido do seu ofício, qual seja: a difusão do conhecimento, por meio das publicações nas quais deveria partilhar saberes, descobertas e reflexões suscitados por sua pesquisa. Ao frustrar o fim último do seu trabalho, represando consigo mesmo o resultado dos seus esforços, o pesquisador esteriliza suas potencialidades, em vez de colocá-las a serviço da sociedade. Nesse contexto, fica mais que evidente a *justificativa* do presente artigo, inferindo-se a relevância de nossos *objetivos*, quais sejam: apresentar as principais técnicas de pré-escrita adotadas pelos autores deste estudo; descrever possíveis erros e acertos em suas tentativas de implementação; tornar mais eficaz a dinâmica entre pesquisa e escrita acadêmica por meio da racionalização do sistema de notas; e, assim, reduzir as dificuldades subjetivas e operacionais do processo de escrita acadêmica junto a pesquisadores do Direito.

Como pretendemos dar conta desses objetivos? Optamos por adotar uma *abordagem metodológica mista*, devido ao fato de que este trabalho deriva da compilação de diferentes contribuições, filtradas pelas idiossincrasias de quatro pesquisadores do Direito, a partir de suas experiências pessoais com o processo de escrita acadêmica. Assim, nem todas as técnicas de escrita que apresentaremos são parte do repertório metodológico dos quatro pesquisadores envolvidos, mas todas elas são utilizadas, na prática, por – pelo menos – um ou mais de nós.

Como o trabalho foi tecido a partir do conjunto das experiências trazidas por cada um, é natural que o modo de compartilhá-las também seja diferente. Todos nós fizemos pesquisa bibliográfica de cunho interdisciplinar, e cada um prestigiou as técnicas que considera mais úteis em sua prática real. Contudo, como coube à primeira autora a tarefa de reunir contribuições tão distintas, o modo de apresentá-las ora se aproxima, ora se afasta da perspectiva de quem narra. Portanto, as escolhas narrativas serão tanto mais autoetnográficas¹³,

¹³ Conforme Santos (2017, p. 218): “‘Autoetnografia’ vem do grego: auto (self = ‘em si mesmo’), ethnos (nação = no sentido de ‘um povo ou grupo de pertencimento’) e grapho (escrever = ‘a forma de construção da escrita’). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (‘escrever’), sobre um grupo de pertença (‘um povo’), a partir de ‘si mesmo’ (da ótica daquele que escreve).” Mais adiante, o autor acrescenta: “[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços” (Santos, 2017, p. 219).

quanto mais versarem sobre práticas que integram o repertório de experiências pessoais da referida autora; assim como se tornarão progressivamente mais objetivas, quanto mais versarem sobre técnicas que são fruto das experiências concretas dos demais coautores.

Lidar com essa heterogeneidade narrativa torna a escrita do presente texto profundamente desafiadora, com direito a muito choro e ranger de dentes nos bastidores. Para agravar as coisas, a experiência do leitor também se torna mais exigente, reivindicando uma postura atenta, pois é sua a tarefa de perceber, pelas nuances do contexto, quando nossos comentários envolvem o conjunto dos autores, e quando a formulação do pronome “nós” representa apenas a autora que narra. E, muito embora tenhamos adotado o plural majestático [na esperança de dar alguma uniformidade à dicção do texto como um todo], começamos a pressentir, desde o primeiro parágrafo, o desafio monumental que nos impuséramos. Ora, para eliminar os riscos dessa empreitada, teríamos de contar com um Brás Cubas¹⁴ à frente da narrativa [!]. Só assim, conseguiríamos poupar o leitor daquela cota de canastrice que compete a nós, os vis mortais. Contudo, sabemos que seria impossível fazer autoetnografia sem lançar mão de um narrador intrusivo. Estamos conscientes do sábio conselho de Gidi (2022), que orienta a evitar os riscos da metalinguagem, sustentando que os leitores ficariam gratamente aliviados se os autores tivessem a compostura de deixá-los a sós com o texto¹⁵.

Por sorte, o rol de princípios estilísticos parece tão vasto quanto a fauna de autores em busca da beleza. Assim, manteremos a decisão de seguir na 1ª pessoa do plural, escudados por Graff e Birkenstein (2011), que não somente aprovam, como recomendam o seu uso, tanto para imprimir vigor à prosa acadêmica, quanto para evitar alguns aspectos deletérios no uso da forma impessoal, cujo manejo pode tornar abstrato o que deveria ser tratado em concreto, favorecendo uma diluição de responsabilidades. De fato, quando adotamos a 3ª pessoa do singular, acrescida da partícula apassivadora “se”, as construções frasais criam uma espécie de cortina de fumaça em torno dos possíveis sujeitos implicados pela oração, tais como: “pensa-se” (quem pensa?); “faz-se” (quem faz?); “entende-se” (quem entende?), de tal modo que não é possível saber, com

¹⁴Aludimos ao arquetípico narrador intrusivo, imortalizado por Machado de Assis (1994), em “Memórias Póstumas de Brás Cubas.

¹⁵Gigi (2022, p. 90) nem esconde a sua aversão ao metadiscursos, recorrendo a uma imagem muito expressiva: “É como ter um mordomo num quarto e sala”. Em contrapartida, o próprio autor pondera que: “Os princípios de estilo funcionam na maioria dos casos; eles são um padrão a ser seguido. Se você não tem preferência, ou não sabe o que está fazendo, siga-os. Mas não se sinta obrigado a seguir nenhum princípio. Todas as sugestões podem ser violadas, se você o fizer intencionalmente e com habilidade” (Gidi, 2022, p. 37).

precisão, a quem atribuir o quê, pois é próprio da forma impessoal gerar esse efeito de sublimação, em que tudo que é sólido se evola no ar.

Voilà. Traçado o desenho da pesquisa, justificadas as decisões no uso da linguagem e esclarecidas as questões de método, é hora de brincar um pouco, garimpando, no relicário da memória, algumas velhas epígrafes que nos falam à alma, para chegar ao próximo tópico, recebendo o leitor com um café bem quente, servido em nossas canecas favoritas.

3 Abra uma <<janela sobre o caos>>¹⁶ [como usar a pré-escrita para reduzir as dificuldades subjetivas e operacionais da escrita acadêmica]

“Todo gesto de escrita esconde um naufrágio” (Bedê; Sousa, 2018).

“Eles não têm mais vinho” (João, cap. 2, v. 3).

“Eu tenho medo e medo está por fora/
O medo anda por dentro do teu coração/
[...]
Eu tenho medo e já aconteceu/
Eu tenho medo e ainda está por vir/
Morre meu medo e isto não é segredo/
Eu mando buscar outro lá no Piauí”
(Belchior. Pequeno Mapa do tempo, 1977).

Na maior parte do tempo, escrever não tem o menor *glamour*, mas, convenhamos, também não deixa de ser engraçado ter de conviver com aquela gralha, gasguita e obsessiva, empoleirada no seu cocuruto, espiando por cima da sua página e gritando: “Não está bom! Ainda não está bom!...”. Nessas horas, seja gentil com a pobre neurastênica, afinal, é bem possível que ela tenha alguma razão. E, até que ela esteja contente (ou conformada) com o seu texto, não deixe faltar auto-humor na sua despensa – você vai precisar¹⁷.

Mas, antes que nos percamos, mergulhando no fascinante tema da saúde mental dos escritores, convém retomarmos o pacto firmado no desenho dessa pesquisa. Para efeito deste artigo, não é nosso propósito enfrentar as causas das dificuldades envolvidas no processo de escrita acadêmica, pois pretendemos focar, tão somente, em *como* lidar com as referidas

¹⁶Tomamos de empréstimo, com a maior sem-cerimônia, o adorável título do livro homônimo de Castoriadis (2009).

¹⁷Sobre levar os dramas da escrita com uma boa dose de senso de humor: sempre que você estiver à beira de um ataque de nervos, pare tudo e (re)leia o clássico manual de sobrevivência de Lamott (2022). Você vai chorar de rir [de si mesmo]. Depois, enxugue as lágrimas, respire fundo, e volte ao trabalho.

dificuldades, mantendo-as sob controle e aprendendo a contorná-las, até reduzirmos o seu impacto nocivo sobre nossa relação com a escrita.

Com muito mais razão, no contexto da pesquisa jurídica, cujo epicentro está ancorado em um árduo trabalho de escrita argumentativa, é inegável a importância de acessarmos estudos sobre mecanismos psicossociais patológicos, como autossabotagem, procrastinação, síndrome do impostor etc., mas sua complexidade demandaria um recorte de pesquisa especificamente dirigido a esse fim – como é o caso da abordagem escolhida por Bedê, Veloso, Bezerra e Barcelos (2020). E, embora não seja o objetivo do presente trabalho, entendemos que os problemas subjacentes à “economia psíquica”¹⁸ dos escritores acadêmicos deveriam ser mais enfrentados em nossa literatura metodológica, por meio de pesquisas interdisciplinares. Há quem também se ressinta dessa ausência em áreas metodologicamente mais desenvolvidas, como as Ciências Sociais (Becker, 2015). No entanto, encontraremos pesquisas muito valiosas sobre tais questões em outras áreas, a exemplo da Psicologia, às quais podemos – e devemos – recorrer (Boice, 1990; Costa; Nebel, 2018; Cruz, 2020; Ganda; Boruchovitch, 2015; Kauati, 2013; Kellogg, 1994; Levecque *et al.*, 2017; Meurer; Costa, 2019; Oliveira *et al.*, 2016; Satinsky, 2021).

Nesse contexto, torna-se mais fácil compreender o porquê de termos insistido em recorrer à autoetnografia – metodologia mais presente entre antropólogos, mas esotérica entre juristas. É que, ao emprendermos essa jornada, devemos, primeiramente, resgatar a nós mesmos, e logo em seguida, tudo correndo bem, àquele leitor que, numa aeronave despressurizada, busca quem possa ajudá-lo a colocar sua própria máscara de oxigênio.

Fechada a digressão, voltemos às técnicas de prevenção e controle de panes. No decurso da pesquisa, experimentamos algumas estratégias de pré-escrita recomendadas em trabalhos voltados ao público de escritores acadêmicos acometidos por bloqueios variados (Boice, 1990; Bolker, 1998; Cruz, 2020; Jensen, 2017; Sternberg, 2024). Dentre tantas orientações

¹⁸O emprego do termo *economia psíquica* “[...] leva em conta a energia psíquica, a energia diretamente quantificável, da qual se poderia avaliar, por exemplo, seu aumento ou diminuição. O ponto de vista econômico consiste em supor, a partir da experiência clínica, que uma energia diretamente mensurável está circulando no aparelho psíquico [...] Em suma, trata-se ‘de acompanhar o destino das quantidades de excitação e de chegar, pelo menos, a alguma estimativa relativa de sua grandeza’” (Chemama, 1995, p. 55).

interessantes, as que nos trouxeram respostas mais concretas são as que ora compartilhamos, em um esforço de síntese:

(i) escreva uma espécie de carta dirigida a si mesmo, explicando, em linguagem simples e direta, tudo aquilo que você estava, inutilmente, tentando dizer lá no papel, em linguagem mais acadêmica [Isso pode ser feito na própria área de trabalho do texto, tomando alguns cuidados, como mudar a cor da fonte e dar um espaço maior, demarcando o intervalo na página, antes de começar a sua missiva; mas, se você ficar muito temeroso de que alguém veja “aquilo”, abra um documento à parte, de caráter confidencial];

(ii) antes de se conceder um intervalo de descanso, e, principalmente, antes de encerrar o trabalho de escrita pelo resto do dia, escreva palavras-chave ou algumas orientações muito sucintas, como um “bilhete”, registrando os próximos passos a serem dados, para que, ao retornar, não haja um grande dispêndio de tempo, tentando recuperar a linha de raciocínio em que você estava [Sempre que tivemos a pachorra de escrever esses bilhetinhos para guiar o nosso “eu do futuro”, sentimos menos resistência para retomar o trabalho, encorajados por saber que contaríamos com instruções claras na volta];

(iii) nas ocasiões em que você não faz a menor ideia de como fazer o texto avançar, volte uma casa no tabuleiro e releia todo o tópico em andamento, ou, no caso de um trabalho menos extenso, releia a íntegra do texto [Além de ser uma forma muito efetiva de nos reengajarmos no trabalho, também serve para limar aqueles deslizes que só podemos enxergar com mais recuo, diante do texto já frio. Essa técnica é a “queridinha” de todo perfeccionista, mas pode virar uma armadilha, se você (assim como nós, em certas ocasiões) começar a usá-la como pretexto para não avançar nunca...];

(iv) quando nada funciona, copiar trechos inspiradores¹⁹, para afinar a sua caixa de ressonância, aquecendo seus instrumentos de trabalho, como um músico autoral, que, antes de compor, eleva seu espírito, ouvindo e tocando as partituras que mais admira [A experiência de copiar textos sublimes nos trouxe muito mais conforto subjetivo, quando os trechos que amamos (aqueles que gostaríamos de ter escrito) foram reproduzidos à mão, pois o jogo de adensar algo tão íntimo e pessoal quanto a própria letra ao texto objeto de nossos amores amplifica a consciência de que todos nós, que lutamos com palavras, estamos inscritos numa

¹⁹Em sentido convergente, Leiris (1948, p. 285 *apud* Compagnon, 1996, p. 38): “Quando me sentia inapto a extrair de minha própria substância o que quer que fosse que merecesse ser colocado sobre o papel, copiava voluntariamente textos”. Compagnon (1996) e Provost (2017) estão entre os muitos que endossam o mesmo conselho.

grande família de almas, uma confraria invisível, que remonta a tempos imemoriais, e cujo legado atravessa os séculos, reverberando a cada vez que nasce, no coração de um leitor, o desejo de, também ele, tomar posse da escrita]²⁰;

(v) separar plenamente as estações de trabalho entre os períodos nos quais agimos só como autores e aqueles nos quais atuamos como revisores e editores, para não suscitar um desgaste de energias vitais cujas forças parecem colidir [Esse conselho é repetido à exaustão, e parece ser o *leitmotiv* de grande parte dos manuais de escrita, mas, aqui, falhamos miseravelmente, pois o esforço de manter o nosso “eu-editor” trancafiado em um calabouço, enquanto tentávamos escrever uma primeira versão mais livre, era tão extenuante e contrário ao nosso temperamento que, superado o impulso de liberdade que guiou o primeiro parágrafo deste artigo, desistimos. É que, sendo tão esfaimados por beleza, parece-nos muito pouco natural termos de combater continuamente a nossa tendência de escrever e revisar, ao mesmo tempo, pois, além de ser cansativo gritar, a todo momento, para que a gralha perfeccionista se cale, essa postura mais *blasé*, de deixar o texto fluir como bem queira na primeira versão, frustra o nosso desejo de obtenção de pequenas recompensas, ao longo de todo o processo, a cada tijolo íntegro que vemos erguido na página]²¹;

(vi) manter (e alimentar) uma “caixa de ventilação” (Jensen, 2017; Sternberg, 2024). Esta técnica, que já reportamos antes, funciona como um arquivo terapêutico, mantido à parte, em documento de caráter pessoal, no qual os escritores podem desabafar todas as questões existenciais decorrentes do seu trabalho e do seu processo de escrita, incluindo dúvidas, dilemas e angústias que possam sentir em relação a si mesmos e ao seu ofício de pesquisadores e escritores [Em nosso caso específico, fizemos escolhas metodológicas que nos permitissem compartilhar a nossa caixa de ventilação no bojo do próprio artigo, a fim de mostrarmos ao leitor o modo como ela nos possibilita avançar. Contudo, como já havíamos explicado no tópico 2, ao passarmos o bastão para os demais colegas, a paisagem do texto se tornará muito mais objetiva, em respeito às suas escolhas estilísticas e metodológicas];

(vii) escrever, de preferência, seis vezes por semana, garantindo um tempo mínimo de 15 minutos diários, quando mais não for possível (Bolker, 1998; Jensen, 2017; Sternberg,

²⁰Duas obras que usamos de forma recorrente para este exercício amoroso podem ser conferidas em Bachelard (1989) e Compagnon (1996). Ambas integram a nossa chamada <<biblioteca íntima>> – aquela que nos ajuda a voltar para casa, onde quer que estejamos.

²¹Apesar da posição majoritária, que orienta a separar plenamente o escritor do editor, há taxonomias que contemplam muitos outros estilos de escrita, no que concerne à dinâmica entre planejar, escrever e revisar, apontando representantes ilustres em todos eles: (Boure, 2022).

2024), pois quem escreve algumas frases, logo terá um parágrafo, e, de fragmento em fragmento, comporá uma página, um artigo, um livro. Para os pesquisadores da área de Psicologia, Boice (1990) e Cruz (2020), o hábito de escrever com regularidade nos permite desenvolver uma relação com a escrita de forma mais prazerosa e distensionada, evitando que formemos um rastro de memórias traumáticas associadas ao processo. [Infelizmente, em nosso caso, esse acervo psíquico já estava formado, antes mesmo de nos depararmos com tais estudos. Tanto assim que, mesmo gostando de escrever, constatamos que a consolidação dessas memórias opera como um gatilho de procrastinação que precisamos combater continuamente]. Ora, quanto mais os procrastinadores adiam a hora de começar (e de continuar) a escrita de seus textos, tanto mais acabam revivendo as experiências estressantes que tanto temiam, sujeitando-se, mais uma vez, a maratonas imersivas de última hora. Em vez disso, Boice (1990) e Cruz (2020) recomendam práticas consistentes e regulares, realizadas em turnos viáveis de trabalho, observando uma gestão mais estratégica no uso do tempo. Com base em dados empíricos, os referidos autores demonstram quão nocivo é ter de escrever premido por calendários exíguos, sob uma espada de Dâmoles. A longo prazo, esse padrão é claramente insustentável (para a qualidade do trabalho, para a ordenação da vida em geral, e, em particular, para a saúde mental dos pesquisadores e, por via oblíqua, de todo o seu entorno familiar e profissional). Por fim, ressaltamos que, mesmo nos piores dias, em que os pesquisadores sintam não ter nada a escrever, ainda lhes será possível blindar o piso de 15 minutos diários, apelando, por exemplo, para a “caixa de ventilação”, a fim de reelaborarem sua relação com o trabalho em andamento [ver, com algumas variações sobre o tema, Bolker (1998), Jensen (2017) e Sternberg (2024)];

(viii) proteger o tempo de escrita, como “um tesouro de avaro” (Sertillanges, 2019), mapeando e monitorando os chamados “ladrões do tempo”. Uma ferramenta de autogestão que pode nos ajudar a ganhar senhorio sobre nossos compromissos é a matriz de Eisenhower, recomendada por Covey (2015), que nos convida a enquadrar todas as atividades da nossa agenda em quatro categorias, classificando-as de acordo com sua urgência e importância. Dependendo da classificação recebida por cada atividade, a ação recomendada varia: (i) urgente/ importante: fazer; (ii) não-urgente/ importante: agendar; (iii) urgente/não-importante: delegar; (iv) não-urgente/ não-importante: eliminar. [Finalmente, para estruturar um hábito tão desafiador quanto o da escrita, o trio “gatilho-rotina-recompensa” (Bedê; Veloso; Bezerra; Barcelos, 2020) pode ajudar, mas não será suficiente para salvá-lo, se o seu perfeccionismo tiver atingido o nível de paroxismo de que padecemos por aqui. Neste último caso, cabe-nos recorrer ao esteio de grandes clássicos, cujas reflexões sobre a busca do propósito e da virtude

na vida intelectual podem nos mostrar tanto quem somos, quanto quem devemos nos tornar (Payot, 2018; Sertillanges, 2019)];

(ix) diluir as fronteiras entre a etapa de pesquisa bibliográfica e a de escrita, realizando leituras tão ativas que sua matéria-prima possa se traduzir em pré-escrita. A ideia é antecipar uma boa parte do trabalho que teremos, posteriormente, no momento de escrever o resultado final da pesquisa [Nos próximos tópicos, vamos apresentar estratégias que otimizam tanto a leitura em si, quanto o modo como nossos coautores transformam suas anotações em uma autêntica escrita prévia].

4 Escrever no universo acadêmico é entrar numa conversa que começou muito antes da sua chegada [e a leitura é o seu bilhete de acesso] ²²

"Se você não tem tempo de ler, não tem tempo (nem ferramentas) para escrever. Simples assim. A leitura é o centro criativo da vida de um escritor" (Stephen King, "Sobre a escrita").

"Quem não lê, aos 70 anos terá vivido apenas uma vida: a sua. Quem lê terá vivido 5.000 anos: estava presente quando Caim matou Abel, quando Renzo se casou com Lúcia, quando Leopardi admirou o infinito... Por que ler é uma imortalidade ao contrário" (Umberto Eco)²³.

"Se tens um jardim e uma biblioteca, tens tudo"²⁴ (Cicerone, Epistulae ad familiares, Lib. IX, Ep. IV).

Nenhum outro gênero literário é tão acretivo quanto o texto acadêmico, pois é próprio da escrita acadêmica que ela se ampare numa conversa contínua com as mais relevantes obras já produzidas a respeito do tema de nossa escolha. Assim, quanto mais desenvolvemos nossas pesquisas, tanto mais endividados nos tornamos, seja para com as obras seminais que herdamos

²²Para dar mais transparência ao processo de escrita do presente artigo, já que estamos tratando de pré-escrita, convém, a essa altura, prestarmos um esclarecimento. Como havíamos explicado por ocasião do tópico 2 deste artigo, optamos por acolher a dicção pessoal de cada autor, razão pela qual, a partir de agora, ao passarmos o bastão aos demais colegas, é natural que haja uma mudança na paisagem do texto, em respeito à estilística de cada um, ao tempo em que também encerramos a abordagem etnográfica à qual havíamos nos proposto nessa primeira etapa do texto.

²³O célebre comentário de Umberto Eco constou originalmente em seu artigo "Perché i libri allungano la vita", publicado na coluna "La sacket di Minerva" do L'Espresso, em 2 de junho de 1991. No entanto, só conseguimos recuperar tais informações em: (Addio [...], 2016, *online*). Para conferir na língua original do escritor: "Chi non legge, a 70 anni avrà vissuto una sola vita: la propria. Chi legge avrà vissuto 5.000 anni: c'era quando Caino uccise Abele, quando Renzo sposò Lucia, quando Leopardi ammirava l'infinito... Perché la lettura è un'immortalità all'indietro".

²⁴Na epígrafe, optamos por uma livre tradução, priorizando a semântica, em detrimento da literalidade, cujo resultado teria ficado menos sonoro: "Se tens um jardim e uma biblioteca, nada te faltará". Para a versão original em latim, confira: "Si hortum in biblioteca habes deerit nihil" (Cicerone *apud* Menghini, 2012, p. 268).

da *Traditio*, seja para com as discussões de ponta – aquelas que estão na fronteira do conhecimento. Portanto, toda produção acadêmica é tributária do pensamento de autores vivos e mortos, com quem precisamos aprender a negociar. Logo, a grande matéria-prima da escrita acadêmica, além da observação da realidade, é a leitura, sem a qual, nada de consistente e relevante pode ser feito (Bedê; Caetano; Lima, 2020). Sendo assim, quem não lê não escreve. E quem não lê bem, por conseguinte, escreve mal. Mas se a leitura é o fundamento da escritura, como coordenar, de forma mais estratégica, as duas faces de uma mesma moeda?

A pesquisa científica é uma função acadêmica que se caracteriza pela utilização dos sentidos humanos em atividades complementares. Tipicamente, o pesquisador lê, ouve, escreve e fala. Estas atividades são igualmente importantes e exigem coordenação, porque, ao contrário do que apressadamente se julga, nem a leitura e a audição são totalmente passivas, nem a escrita e a fala são necessariamente ativas. O sucesso de tais atividades depende da quantidade e qualidade do esforço colocado pelo pesquisador, mediante a utilização de técnicas adequadas. Esta é a ideia central de Adler e Van Doren (2010)²⁵, cuja obra de referência nos ensina a ler de modo a maximizar a capacidade intelectual humana. Para os autores, o sacrifício, a determinação e o pensamento estão ligados no modo como se lê. É preciso saber ler para escrever, como forma indispensável de expressão do pensamento. A atividade de leitura pressupõe as demais, sendo todas formas de comunicação. Esta é outra ideia forte do livro, no qual se dilucidam diferentes modos de comunicação. Leitura e audição são comunicações receptoras, enquanto escrita e fala são comunicações transmissoras, mas todas são relevantes no processo de pesquisa. No prefácio à segunda edição do livro, Adler compara as atividades e os agentes intelectuais, respectivamente, às atividades e aos jogadores de beisebol, mostrando que a recepção e a transmissão da comunicação, à semelhança da recepção e transmissão da bola, são essenciais ao movimento, tanto do pensamento quanto do jogo. Nas palavras de Adler e Van Doren (2010, p. 27), “A analogia [das atividades do jogo de beisebol] com a escrita e a leitura é quase perfeita. Aquilo que é escrito e lido, a exemplo da bola, é o objeto passivo comum

²⁵O livro foi primeiramente publicado em 1940, tendo Adler como único autor. Foi um sucesso de vendas, tendo influenciado múltiplas gerações de cidadãos americanos e de outros países, tornando-se uma obra de referência na academia. Em 1972, surgiu a segunda edição em língua inglesa, justificada pelas mudanças na sociedade americana e no fenômeno da leitura. A edição de 1972 comportou alterações substanciais, passando a ter dois autores. Uma das alterações substanciais prende-se com a introdução, na Parte I, da distinção entre os quatro níveis de leitura – elementar, inspeccional, analítico e sintópico. Mortimer Adler refere no prefácio à edição de 1972 que essa “é a mudança básica e fundamental na organização e no conteúdo do livro” (p. 22). Neste artigo, utilizamos a edição de língua portuguesa da editora “*É Realizações*”, de 2010, que corresponde à tradução da edição em língua inglesa de 1972, com prefácio de José Monir Nasser.

às duas atividades, já que são elas que iniciam e terminam o processo”. E acrescentam: “Levemos adiante essa analogia. A arte de apanhar é a técnica de apanhar qualquer tipo de arremesso [...] Similarmente, a arte de ler é a técnica de apanhar qualquer tipo de comunicação”.

A ideia de desenvolvimento de uma técnica de comunicação visando à leitura seria aproveitada, anos mais tarde, pelo sociólogo e teórico dos sistemas, o alemão Niklas Luhmann (1927-1998), para apresentar uma técnica de obtenção do conhecimento (ou produção de informação) por via do diálogo do pesquisador com suas fontes e, em particular, com sua *zettelkasten* – palavra alemã que designa “caixa de notas”. No caso de Luhmann, tratava-se da infraestrutura física utilizada por ele para construir a sua técnica de comunicação com as anotações feitas aos textos lidos em suas pesquisas²⁶.

Adler e Van Doren desenvolvem ainda a ideia de que processo de leitura (em sentido amplo, abrangendo a atividade da pessoa que lê e escreve) é cooperativo, ou seja, a pessoa dialoga com o texto a partir da forma como o aborda e cria sua memória acerca dele, seja analisando o texto em diferentes níveis de profundidade, seja comparando-o com outros textos²⁷. Ocorre que a experiência da leitura pode se dar em quatro níveis, de acordo com os autores, quais sejam: elementar, inspeccional, analítico e sintópico. Ao desenvolverem essa taxonomia, Adler e Van Doren estavam muito preocupados com a evolução da sociedade americana nos 30 anos anteriores, pois haviam constatado que o aumento do número de pessoas a ingressarem na universidade não tivera correspondência no aumento da capacidade de leitura

²⁶No sentido da existência de uma relação intelectual entre os autores, em particular entre Adler e Luhmann, vide Aldrich (2023, *online*). Aldrich, um engenheiro biomédico muito versado em questões de metodologia científica, compara a leitura sintópica de Adler (e Van Doren) ao projeto de identificação e comparação de toda a literatura relevante produzida pela humanidade, servindo, entre outros propósitos, aos da pesquisa científica. São suas as seguintes palavras (Aldrich, 2023, *online*): “Adler falou sobre a prática da leitura sintópica, mas qualquer pessoa que compile o seu próprio índice de arquivos (seja de forma analógica ou digital) perceberá o valor fundamental de criar a sua própria escrita sintópica ou o que Robert Hutchins chama de participar da “Grande Conversa” ao longo de vinte e cinco séculos de comunicação humana documentada. A versão de Adler pode não ter tido a estrutura interna da “Zettelkasten” de Luhmann, mas definitivamente serviu a propósitos semelhantes, apoiando os que trabalhavam com ela e publicavam a partir dela” (tradução nossa do original em língua inglesa).

²⁷De acordo com Adler e Van Doren (2010, p. 27), “É importante notar que o arremessador (*pitcher*) e o apanhador (*catcher*) só serão bem-sucedidos caso cooperem entre si. A relação entre escritor e leitor é parecida. O objetivo do escritor é ser apanhado, embora às vezes pareça ser exatamente isso que ele não quer. A comunicação eficaz ocorre quando aquilo que o escritor quer que seja recebido de fato o seja pelo leitor. A técnica do escritor e a técnica do leitor convergem para um objetivo comum”. Segundo esta perspectiva, o escritor e o leitor são entidades diferentes, mesmo quando são a mesma pessoa.

dos estudantes e dos novos profissionais. Nesse contexto, o objetivo declarado dos autores foi dar aos membros da comunidade política e potenciais leitores os meios para lerem de forma mais eficaz e, desse modo, se desenvolverem pessoal e profissionalmente.

Em síntese, vejamos em que consistem os quatro níveis de leitura, a fim de os aplicarmos em nossa atividade de pesquisa. A “arte de ler” consiste em saber ler um texto, atendendo ao seu gênero e aos objetivos da leitura. Os níveis de leitura referem os seus graus de profundidade, do elementar ao complexo, necessários para a compreensão de qualquer texto. Um pesquisador pode ler eficazmente quaisquer textos, desde que use uma metodologia adequada.

Em seu prefácio à obra de Adler e Van Doren, Nasser (2010) resume os quatro níveis de leitura, fazendo um exercício ao contrário, ou seja, partindo do nível mais profundo de leitura até o mais simples, o que é interessante, porque corresponde ao tipo de leitura ativa que devemos realizar, na condição de pesquisadores. O pesquisador e escritor acadêmico não apenas faz uso de todos os tipos de leitura, como parte do nível mais complexo (o sintópico), uma vez que parte do problema de pesquisa em direção aos possíveis referenciais.

Nesse sentido, a <<leitura sintópica>> é extremamente adequada à atividade de pesquisa, pois visa ao estabelecimento de uma rede de textos que incidam sobre o problema de pesquisa eleito e as ligações intrínsecas ao mesmo. Ou seja, as leituras são realizadas a serviço de um problema. Ciente de que um determinado conjunto de textos aborda o seu problema de estudo, o pesquisador busca estabelecer as ligações entre eles, numa abordagem sintópica. Numa ordem decrescente de complexidade, isso nos leva à <<leitura analítica>>, a qual consiste em procurarmos perceber o que cada texto específico pretende transmitir, como o faz, e qual o significado de sua mensagem. Dito de outro modo, a leitura analítica visa compreender em profundidade o conteúdo e as ideias do(s) autor(es) de um dado texto, com a identificação dos conceitos-chave por meio de uma análise crítica.

Por sua vez, o processo de mapeamento e seleção prévia dos textos que serão objeto de uma leitura de nível mais profundo (sintópico e analítico) deve ser feito com o recurso à <<leitura inspeccional>>. Para realizá-la, o pesquisador deve buscar uma visão geral do texto, captando (fotografando) suas ideias principais, com base em uma leitura rápida de informações contidas no título, resumo, palavras-chave, índice, introdução, conclusões, referências etc., seguida de uma primeira leitura do texto, panorâmica e veloz. Embora esta seja uma leitura mais superficial, ela representa um mecanismo de filtragem estratégico, que nos permite

discernir o que deve ser descartado e o que merece uma atenção mais profunda, numa releitura posterior, em nível sintópico e/ou analítico.

Para que a leitura inspeccional cumpra o seu papel, auxiliando na seleção da bibliografia relevante e no descarte de platitudes, o pesquisador deve, antes de tudo, dominar a <<leitura elementar>> referente à(s) língua(s) em que suas referências estão escritas, pois, caso ele não compreenda bem o vocabulário e a lógica de funcionamento do idioma em questão, todos os outros níveis ficarão prejudicados. Outro exemplo da importância incontornável da leitura elementar diz respeito ao pesquisador que domina o idioma do texto, mas, apesar disso, pode não ser capaz de entender o jargão de outra área de conhecimento, caso esteja fazendo uma leitura interdisciplinar. A dimensão de alfabetização (de compreensão do vocabulário fundamental) é a mais simples no plano dos níveis de leitura, mas pode estar no topo de uma pesquisa interdisciplinar inovadora.

Como podemos ver, o trabalho de pesquisa acadêmica pressupõe uma visão do todo, englobando os quatro níveis de leitura propostos por Adler e Van Doren (2010). A qualidade e originalidade do conhecimento que produziremos em nossos textos escritos depende diretamente de desenvolvermos a nossa proficiência leitora nos quatro níveis de leitura aqui apresentados. Nesse sentido, um modelo exemplar de leitura ativa e proficiente que se põe a serviço do processo de escrita, por meio da pré-escrita, é o sistema de anotações desenvolvido por Luhmann relativo à sistematização de sua <<caixa de notas>> – vamos a ele.

5 O método de Niklas Luhmann para começarmos a escrever antes mesmo de começar: a caixa de notas (*zettelkasten*) como ferramenta de pré-escrita

“[...] a experiência é tão importante como fonte de trabalho intelectual original. Ser capaz de confiar na própria experiência, sendo ao mesmo tempo cético em relação a ela é, acredito, uma marca do trabalhador maduro. Essa confiança ambígua é indispensável para a originalidade em qualquer busca intelectual, e *o arquivo é uma maneira pela qual você pode desenvolver e justificar essa confiança*” (Mills, 2017, *e-book*, destaque nosso).

O trabalho acadêmico é difícil – pelo que há vantagem em torná-lo menos custoso. Importa, por isso, que saibamos como organizá-lo e como controlar a produção dos resultados (o chamado “controle da verdade”). Esta questão é tão séria que motivou um texto de Niklas Luhmann (2015) sobre como tomar notas e como organizar anotações bibliográficas.

Mas, antes de explicarmos o método criado por Luhmann para estruturar seu sistema de notas, precisamos ter presente que notas ou anotações, para os fins deste trabalho, são a forma pela qual sintetizamos, com paráfrases, os trechos mais significativos das leituras que fazemos. Já no século XVIII, Sir Isaac Newton utilizava a marginália, técnica que consiste em fazer anotações nas margens dos livros enquanto são lidos – sendo este modelo também adotado por Charles Darwin, entre muitos outros (Marmelstein, 2023).

No entanto, passado um longo intervalo de tempo entre a anotação esparsa nas margens dos textos e o momento posterior de consolidação dos conhecimentos auferidos, visando à produção de um trabalho acadêmico, a experiência mostra que o método da marginália simplesmente não se presta a recuperar boa parte das anotações mais preciosas, que ficam esquecidas (ou perdidas) em alguma página, de alguma obra, de algum autor, dentre as miríades de leituras feitas ao longo da nossa jornada intelectual.

Dessa constatação, é que resulta a relevância de Luhmann ter compartilhado sua *expertise*, como autor prestigiado e prolífero, com um eminente sentido pedagógico. Foi no quadro de sua teoria dos sistemas, que o sociólogo alemão concebeu um método de seleção de fontes e de produção e utilização de informação para fins de pesquisa (Luhmann, 2015). Embora o autor tenha morrido em 1998, o método continua atual e é potenciado pela utilização de computadores, como aliás o próprio autor havia intuído (Luhmann, 2015).

Como vivemos em uma era de entropia informacional, torna-se ainda mais estratégico adotarmos o sistema de Luhmann, pois ele pode nos ajudar a ordenar o caos, gerando, em benefício de nossas pesquisas, diversos fluxos de criação de informação útil. Nesse sentido, a ideia de um trabalho organizado traz vantagens, sendo que a elaboração de anotações é um exercício particularmente relevante nessa empreitada. Seu método pode ser assim resumido (Luhmann, 2015):

- (i) Para poder pensar é preciso saber ler, que é a primeira forma de organização do pensamento;
- (ii) Não é possível pensar sem escrever, mas há que escrever bem, conhecendo as características de um texto científico ou teórico, utilizando boas técnicas de escrita;
- (iii) O método proposto tem como objetivo aumentar a capacidade de pensamento do pesquisador e, conseqüentemente, do sistema de conhecimento, contando com o auxílio de

meios de processamento da informação. Para efeito da organização do pensamento, o autor serve-se do artefato das anotações bibliográficas, que utilizou e desenvolveu;

(iv) O pesquisador deve se capacitar para identificar textos relevantes para o estudo do problema que pretende examinar, estabelecendo conexões entre eles. O método serve para compreender e estabelecer conexões conceituais e a natureza dos problemas que os textos tentam resolver.

Isto significa que o pesquisador se depara com textos que devem ser lidos de forma ativa e articulada. O método de Luhmann permite alargar o número de nós da rede informacional e criar mais conexões, sempre com o controle do autor. É um modelo muito promissor na capacitação dos pesquisadores para uma utilização eficaz do seu tempo. Imaginemos um pesquisador que tem um texto diante de si. Chamemos-lhe o primeiro texto. Esse texto deve suscitar a seguinte pergunta: “que pretendo apre(e)nder?” Esta é uma pergunta simples, que pressupõe uma compreensão prévia do que é o trabalho acadêmico. Luhmann recorda que os cientistas só publicam o que escrevem, mas devem escrever textos com determinadas características. Portanto, é preciso que o pesquisador saiba que existem diferentes tipos de textos, que exigem diferentes tipos de leitura (Luhmann, 2015). Voltemos então ao primeiro texto. As suas recomendações estão especialmente dirigidas aos jovens pesquisadores.

Os iniciantes, especialmente os estudantes iniciantes, descobrem que são primeiramente confrontados com uma grande quantidade de palavras, que estão ordenadas em forma de frases, que eles leem frase por frase e que conseguem entender como frases. Mas o que é importante? O que deve ser "aprendido"? O que é importante, o que é mera decoração? Após algumas páginas de leitura, mal se pode lembrar o que se leu. Que recomendações podem ser oferecidas? (Luhmann, 2015, p. 3).

Deve apr(e)nder nomes de autores e nomes de teorias? (Luhmann, 2015). Isso é importante, mas não é o mais importante. A aprendizagem decorrente da leitura consiste na fixação “[...] de conexões conceituais e especialmente [na apreensão da] natureza dos problemas que os textos tentam resolver” (Luhmann, 2015, p. 4). Para o sociólogo alemão, o interlocutor do pesquisador é o texto ou, melhor dito, o texto em contexto. Este é o sistema comunicacional, como veremos adiante em relação às anotações. Os textos teóricos têm vida própria, sendo com eles que o pesquisador dialoga, de forma autônoma, ligando-os sempre a outros textos.

Ao contrário de uma novela, em que o leitor precisa de uma memória de curta duração, porque a história é curta (Luhmann, 2015), no caso de textos teóricos, o leitor precisa de uma

memória de longa duração, “[...] para ser capaz de distinguir entre o que é essencial e o que não é essencial e o que é novo do que é mera repetição” (Luhmann, 2015, p. 4). Isto é bem diferente de reter tudo, o que seria humanamente impossível (e indesejável).

Ao transpor ideias essenciais de um texto para outros textos, o pesquisador vai pensando de forma complexa e inovadora (Luhmann, 2015). Disto decorre o conselho de Luhmann de priorizarmos anotações que não são “excertos”, mas “reformulações condensadas” do que lemos. A nova descrição do que já foi descrito permite dar atenção ao “quadro mental” (*frame*) ou “esquema de observação” (Luhmann, 2015, p. 4) formulado por um ou vários autores, eventualmente reconstruindo-o. Que foi pensado pelos autores quando utilizaram uma determinada expressão? Em que não pensaram eles? Que pensa do assunto o pesquisador, em sua condição de leitor? E que deve o pesquisador fazer a partir da anotação realizada? Segundo Luhmann, a maior parte do texto inicialmente escrito é “lixo” (Luhmann, 2015, p. 5), por isso mesmo, é tão importante retomar posteriormente essas anotações, para sua reformulação e consolidação:

Isso leva a outra pergunta: o que devemos fazer com o que escrevemos? Certamente, no início, produziremos principalmente lixo. Mas fomos educados para esperar algo útil de nossas atividades e logo perdemos a confiança se nada útil parece resultar. Devemos, portanto, refletir sobre se e como organizamos nossas anotações para que elas fiquem disponíveis para acesso posterior. Pelo menos, isso deve ser uma ilusão consoladora. Isso requer um computador ou um fichário com cartões numerados e um índice. O constante arranjo das anotações é então um passo adicional em nosso processo de trabalho. Isso custa tempo, mas também é uma atividade que vai além da mera monotonia da leitura e, incidentalmente, treina nossa memória (Luhmann, 2015, p. 15).

Luhmann (2015) compartilha o seu método de trabalho com o propósito de explicar a pertinência da utilização de anotações aos textos teóricos, explicitando o modo como ele procede, lendo e anotando, com vistas à produção de conhecimento novo. Sustenta tratar-se de um trabalho de pesquisa empírica, porque se pode generalizar a partir do que expõe. O seu testemunho é um exemplo que pode ser replicado por outros pesquisadores²⁸, inclusive com contributos adicionais, como veremos adiante em Ahrens (2017). Luhmann (2015) ressalta que

²⁸Vale realçar o argumento de autoridade utilizado por Luhmann – a sua experiência de décadas de trabalho, amplamente reconhecida pela comunidade científica – para dar a conhecer de forma gratuita o seu método de pesquisa a todos os interessados. Não se trata de uma autoridade exercida pela força, mas da “auctoritas” latina, que corresponde ao reconhecimento da pessoa pelos demais membros da comunidade. Este ponto é importante, porque o que um pesquisador mais pode almejar é o reconhecimento da sua obra por quem o avalia ou da comunidade científica ou política.

fazer trabalho teórico implica a possibilidade de generalizações, sendo necessários problemas, conceitos e, sempre que possível, teorias.

De acordo com o autor, o pesquisador e a caixa de anotações são sistemas e parceiros de comunicação. É impossível pensar sem escrever, sobretudo quando se pretende estabelecer redes de ligações, como é próprio do trabalho científico. A escrita é uma busca por conceitos que marcam leituras distintas da realidade, que podem ser comparadas e refundidas (Luhmann, 2015). Assim, a informação surge dos quadros mentais formulados pela ciência – os quais são comunicação.

Assim, um pesquisador que deseje fazer ciência deve ter acesso e saber ler textos, a partir dos quais produzirá outros (p. ex., um artigo científico). As anotações, organizadas em caixas de anotações não são textos, mas meios para a sua construção, pelas possibilidades de conexões que estabelecem (Luhmann, 2015).

Nesse contexto, é um pressuposto do processo comunicacional que os parceiros (pesquisador e caixa de anotações) possam surpreender-se mutuamente. A informação relevante utilizada para efeitos de escrita científica é um evento intra-sistemático que resulta da comparação de propostas diversas de leitura da realidade. É da possibilidade de comparação que geramos a informação. As partes podem usar esquemas comparativos diversos. O pesquisador, ao mesmo tempo que descreve o pensamento relevante produzido sobre determinado tema pela comunidade científica, pode adicionar o seu próprio contributo. Ao escrever e sistematicamente completar as anotações, Luhmann opta por uma organização aberta em detrimento de uma especialização temática, por forma a alargar as possibilidades de manejo da informação para efeitos de escrita científica (Luhmann, 2015).

Em seu artigo metodológico, o autor descreve o seu *modus operandi*, em termos analógicos, mostrando como uma anotação concreta pode adquirir uma competência comunicativa:

Os requisitos técnicos das caixas de anotações envolvem caixas de madeira, que possuem gavetas que podem ser abertas, e folhas de papel no formato oitavo (cerca da metade de uma folha de tamanho carta). Devemos escrever apenas de um lado dessas folhas, para que, ao procurá-las, não seja necessário retirar uma folha para lê-la. Isso dobra o espaço, mas não completamente (pois não escreveríamos em ambos os lados de todas as folhas). Essa consideração não é irrelevante, pois o arranjo das caixas pode, após algumas décadas, crescer tanto que não será mais fácil de ser usado a partir de uma cadeira. Para contrabalançar essa tendência, recomendo o uso de papel comum, e não papel-cartão (Luhmann, 2015, p. 3-4, tradução nossa).

Embora o texto soe desatualizado, tendo em vista a possibilidade de utilização de ferramentas tecnológicas contemporâneas, Luhmann teve consciência da grande utilidade que os computadores teriam sobre seu método no futuro (Luhmann, 2015), mas, como ele mesmo refere, mais importante do que as externalidades resultantes do modo como o trabalho é operacionalizado, é a sua funcionalidade, ou seja, a forma como as anotações são feitas e o modo como a sua história mental é descrita (Luhmann, 2015).

Como pesquisador, ele se coloca no centro do seu sistema de comunicação, ordenando a informação não por tópicos e subtópicos, mas por forma a garantir o melhor acesso possível às anotações por meio de suas conexões. A caixa de anotações é aberta, não estando tematicamente limitada. Só ela estabelece, pela forma como está construída, os seus limites. É uma questão de ordem que depende da desordem do pesquisador, que cria um sistema de organização de anotações eficiente (Luhmann, 2015). Nas palavras de Luhmann, a caixa de anotações

[...] se prova semelhante à nossa própria memória, pois não possui uma ordem inteiramente construída de seu conjunto, nem hierarquia, e certamente nenhuma estrutura linear como um livro. Justamente por isso, ela ganha vida própria, independente de seu autor. O conjunto dessas anotações só pode ser descrito como uma desordem, mas, pelo menos, é uma desordem com uma estrutura interna não arbitrária. Algumas coisas se perderão (*versickern*), algumas anotações nunca mais veremos. Por outro lado, haverá centros preferenciais, formação de blocos e regiões com as quais trabalharemos mais frequentemente do que com outras. Haverá complexos de ideias que são concebidos de forma ampla, mas que nunca serão completados; haverá ideias incidentais que começaram como *links* de passagens secundárias e que são continuamente enriquecidas e expandem de tal forma que tendem a dominar o sistema. Para resumir: esta técnica garante que sua ordem, que é meramente formal, não se torne um obstáculo, mas se adapte ao desenvolvimento conceitual (Luhmann, 2015, p. 6-7, tradução nossa).

A construção de anotações serve ao propósito de diálogo com os membros da nossa comunidade sobre temas específicos de pesquisa, contribuindo para a produção de mais e melhor conhecimento. Luhmann tem como objetivo desenvolver uma técnica de apropriação do conhecimento produzido, com vista a produzir conhecimento novo, a qual incide sobre textos, com uma orientação clara sobre o modo como eles devem ser lidos e sobre como a informação gerada pode ser utilizada²⁹. Luhmann defende a possibilidade prática de um debate

²⁹Em princípio, os textos parafraseados costumam ser de terceiros, mas entendemos que também é possível (em certos casos, e do modo correto) usar trechos de autoria própria, mesmo que já tenham sido publicados. Este ponto não encontramos em nossa leitura de Luhmann, mas pode ser inferido a partir da defesa da independência dos textos (inclusive das anotações), em relação ao autor. Esta matéria tornou-se particularmente importante em nossos dias, devido à crescente sensibilização quanto ao caráter derrisório do autoplágio. Portanto, convém esclarecermos várias situações

público e informado a partir do autor. Público, no sentido de que o autor realiza o seu trabalho em comunidade e disponibiliza os resultados obtidos a toda a comunidade. Informado, no sentido de que o autor se apoia em textos fidedignos e bem tratados, gerando informação que não só fundamenta o seu próprio trabalho, como pode ser acessada e utilizada pela comunidade científica (ou seja, por qualquer outro autor)³⁰.

Um dos melhores *insights* de Luhmann é o de conceber as peças do seu ofício como agentes comunicativos, inclusive, e desde logo, em comunicação com o próprio autor. Na prática, Luhmann constrói as anotações como forma de ampliar a sua memória, uma vez que pode dialogar com elas de modo permanente³¹. Como vimos, a técnica de Luhmann foi

distintas, para que não haja ruído. (i) O chamado autoplágio é o reúso, pelo autor, de trechos de sua própria autoria, reaproveitando-os em trabalho futuro, de forma literal, sem assumir que se trata de citação direta, e sem indicar o texto anterior como fonte de origem. Isso não vem sendo mais tolerado de modo algum. (ii) Outra prática é a mera redundância. Aqui já não se trata de autoplágio, pois o autor tem todo o esforço de reescrever integralmente o texto (ou trecho) que pretende retomar, mas a prática ainda está muito longe de ser ideal, pois, como o próprio nome sugere, no texto redundante, percebe-se que o autor não reescreveu o texto (ou trecho) anterior com a intenção real de fazer o seu trabalho avançar, aperfeiçoando sua forma e suas ideias, mas apenas como uma estratégia artificial para inflacionar suas publicações. (iii) Outra situação, perfeitamente normal e íntegra, ocorre quando retomamos fragmentos de nossos textos anteriores e os citamos, literalmente, indicando a fonte, ou, ainda melhor, quando retomamos trechos já publicados e os reescrevemos, ao constatarmos que eles nos ajudarão a engrandecer o novo trabalho, fazendo-o avançar rumo ao aperfeiçoamento de nossas reflexões. Isso se torna tanto mais comum, quanto mais nos mantemos pesquisando em um mesmo nicho de conhecimento por muito tempo, mas não deve ser usado para gerar autocitações de forma gratuita, impertinente e artificial. (iv) Embora nos pareça óbvio, não custa acrescentar que nada disso se confunde com a republicação. Esta é perfeitamente legítima, pois nada obsta que o autor de um trabalho relevante venha a ser convidado a republicá-lo na íntegra, para ampliar as chances de que suas ideias alcancem públicos diversos ou mais amplos. O ideal, nesse caso, é que o título seja mantido, ou, no caso de sua alteração, que o autor puxe uma nota explicativa, aludindo ao título da versão anterior com a referida indicação da fonte original. Isso poupará o leitor de uma desagradável quebra de expectativas, evitando também o seu desconforto de imprimir um PDF para, só depois, dar-se conta de que já tinha lido o teor daquele texto. Por fim, jamais esquecer do básico: reler as normas contratuais de direitos autorais, pactuadas com o editor anterior e o com o futuro, e conversar abertamente com ambos, obtendo respostas escritas. Embora tenhamos acabado nos alongado numa nota de rodapé infundável, afastando-nos da discussão inicial, essas são dúvidas que costumam gerar muita aflição entre pesquisadores preocupados com boas práticas de pesquisa.

³⁰Os princípios da Ciência Aberta que exigem a disponibilização dos metadados dos trabalhos científicos pelos autores apoiam-se neste entendimento, ou seja, de que o trabalho de pesquisa deve ser devidamente fundamentado, conhecido e partilhável. Tratando-se os metadados de dados sobre dados, que contribuem para a descrição do conteúdo de um trabalho específico produzido – como título, autor(es), resumo, palavras-chave, referências bibliográficas, fonte(s) de financiamento, data de criação e publicação, direitos autorais etc. –, entende-se que melhoram a qualidade do texto e facilitam a sua leitura. Além disso, a qualidade desses dados repercute na qualidade dos periódicos científicos.

³¹A ideia de comunicar com anotações implica a capacidade de lhes dar vida própria, embora ao serviço dos interesses do autor. É Luhmann que o diz (2015, p. 6, tradução nossa): “Como resultado de um trabalho extenso com essa técnica, surgirá uma espécie de memória secundária, um alter ego com o qual podemos nos comunicar constantemente. Ela se revela semelhante à nossa própria memória, pois não possui uma ordem completamente estruturada em sua totalidade, nem hierarquia, e

construída com base nos “recursos” disponíveis na época, como um típico sistema de caixas de arquivos de madeira, utilizadas para armazenar e organizar anotações, facilitando a pesquisa e o acesso a informações de maneira prática e eficiente. No entanto, sua grande inovação metodológica consistiu em desenvolver um sistema específico de organização dos arquivos, de natureza alfanumérica³². Destacando a importância de evitar um sistema rígido e sistemático, baseado em tópicos, o que limitaria o desenvolvimento futuro do sistema de arquivamento, Luhmann entende que as anotações devem ocupar um "lugar fixo" na caixa, permitindo, de forma flexível, a reescrita e adaptação das anotações, impossível no contexto de uma estrutura predeterminada³³.

O passo-a-passo do sistema alfanumérico criado por Luhmann foi generosamente explicado por Sascha (2020). Ora, a grande vantagem de detalharmos esse caminho, de forma minudente, é que a apreensão do seu funcionamento analógico nos habilita a compreendermos a própria lógica subjacente a qualquer das ferramentas digitais, hoje disponíveis, para a sua aplicação. Assim, Sascha esclarece que a nossa primeira nota deve receber o número 1. Se adicionarmos uma segunda nota que não guarde relação com a primeira, devemos atribuir-lhe o número 2. Porém, caso queiramos dar sequência à primeira nota, ou inserirmos algum comentário a mais em seu conteúdo, devemos ramificá-la, por meio de uma nova nota, à qual atribuiremos o número “1a”. Caso continuemos com esta nova nota, bastará prosseguirmos com “1b”. Agora, se quisermos criar um comentário à nota 1a, basta adicionarmos uma nota com o endereço “1a1”. Em síntese: sempre que damos continuidade a uma linha de raciocínio, incrementamos a última posição do endereço, ora com um número, ora com uma letra do alfabeto, a depender do caso. E quando queremos “expandir, intercalar ou comentar uma nota”

certamente nenhuma estrutura linear como a de um livro. Por causa disso, ela adquire uma vida própria, independente de seu autor”.

³²Luhmann tem consciência de que as caixas de madeira podem, ao fim de décadas de trabalho, tornar-se demasiado grandes, pelo que o pesquisador deve tomar cuidados práticos, como usar papel normal e não papel grosso. Todavia, o segredo do sucesso da sua técnica está no modo como se garante a comunicação entre o pesquisador e as anotações. A estrutura das anotações deve estar ao serviço da redução da complexidade dos arranjos possíveis, garantindo flexibilidade na comunicação.

³³Luhmann fala da “vida interior” dos arquivos que decorre do modo como estão organizados, gerando uma “história mental” ao serviço do conhecimento. Em suas palavras (Luhmann, 2015, p. 4, tradução nossa), “Para a vida interior do índice de arquivos, para a organização das anotações ou da sua história mental, é de extrema importância que decidamos contra a ordenação sistemática de acordo com tópicos e subtópicos e optemos, em vez disso, por um lugar fixo e determinado (*Stellordnung*)”. E acrescenta: “Um sistema baseado no conteúdo, como o esboço de um livro, significaria que tomaríamos uma decisão que nos vinculasse a uma determinada ordem por décadas! Isso leva necessariamente a problemas de posicionamento, se considerarmos o sistema de comunicação e a nós mesmos como capazes de desenvolvimento. O lugar fixo de arquivamento não precisa de sistema”.

(Sascha, 2020, *online*), acrescentamos uma nova letra ao endereço da nota em questão. O segredo da ordenação está em seguirmos alternando entre números e letras. Dessa forma, o sistema de Luhmann permitirá um crescimento orgânico em nossa caixa de notas, equiparando-se aos hipertextos atuais. Podemos expandir nossa *zettelkasten* a partir de qualquer ponto da caixa, em virtude da estrutura não linear de seus *links*, ou seja, o mais importante não é o lugar de onde partimos, mas sim os *links* que criamos para vincular cada nova nota.

Como já reportamos, na atualidade, a técnica de Luhmann já pode ser usada e exponenciada com o recurso a ferramentas digitais³⁴. Para nosso maior conforto, o terceiro e o quarto autores deste estudo são entusiastas da aplicação digital do sistema de notas de Luhmann, e vêm se valendo da taxonomia contemporânea de Ahrens (2017) para alimentar, de forma organizada, suas próprias caixas de notas, as quais já lhes renderam frutos concretos, derivados de sua aplicação prática.

Em princípio, a tomada de notas é um processo intuitivo. Cada um adota a forma que funciona para si, adequando-a aos gostos e preferências de quem anota. No entanto, o objetivo do presente sistema de notas é tornar esse processo mais racional e consciente, de forma que as notas possam: i) tornar-se mais fáceis de acessar; e ii) dialogar entre si, permitindo que novas ideias surjam a partir delas.

Nesse sentido, Ahrens (2017) retoma o sistema desenvolvido por Luhmann, sistematizando uma tipologia que classifica as notas em três modalidades: i) notas rápidas; ii) notas de literatura; e iii) notas permanentes. A elas, acrescentaremos o que Neiva nomeou como “produtos intermediários” (Onze Supremos, 2023), os quais não são notas propriamente ditas, mas guardam com elas uma íntima relação. Vejamos, mais amiúde, cada uma delas modalidades, em ordem crescente de complexidade:

(i) Notas rápidas

As notas rápidas (*fleeting notes*) foram concebidas por Ahrens (2017) como anotações mais simples e despretensiosas, em termos de elaboração formal, pois seu objetivo é apenas o de não perder nenhum *insight*, registrando ideias que surgem em momentos inesperados (no

³⁴Como as ferramentas tecnológicas disponíveis entram em obsolescência numa velocidade cada vez maior, vamos nos limitar a indicar alguns dos melhores tutoriais que encontramos na Internet sobre o Obsidian, recomendando-o por ser um bom aplicativo de anotações, de acesso gratuito, que incorpora a lógica da caixa de notas do Luhmann. No entanto, há outras opções no mercado, e cada pesquisador deve aderir àquela que melhor atender às suas necessidades: (Faggion, 2021a, 2021b, 2021c; Rocha, 2022).

banho, na caminhada, durante o sono etc.), de modo a possibilitar sua retomada posterior, em uma ocasião mais oportuna. A experiência mostra que mesmo as ideias mais luminosas podem se desvanecer, caso não sejam diligentemente registradas quando irrompem em meio a outras atividades, razão pela qual pesquisadores, escritores profissionais e trabalhadores intelectuais não devem estar desprevenidos, tendo sempre à mão os meios necessários para anotá-las. Títulos para futuros artigos, associações insuspeitáveis entre diferentes autores ou súbitas conexões entre obras distintas de um mesmo autor são exemplos do que devemos guardar em notas rápidas. Podem ser frases curtas ou mesmo palavras-chave, desde que o registro seja suficiente para preservar a ideia. Ressaltamos que, inicialmente, a relevância da nota rápida é uma incógnita, pois não temos como avaliá-las adequadamente no calor da hora. Somente após decorrido um tempo de reflexão é que poderemos distinguir, com mais clareza, o que é puro truísmo do que tem valor. No primeiro caso, as descartaremos, mas, se mostrarem potencial, devemos retrabalhá-las, para que assumam a feição de notas de literatura, de notas permanentes ou de outro produto mais elaborado, conforme o caso.

(ii) Notas de literatura

De acordo com Ahrens (2017), notas de literatura são paráfrases, por isso, limitam-se a expressar o pensamento alheio com as nossas palavras. Assim, não implicam engajamento crítico com a leitura que estamos fazendo, mas apenas formulam, em termos mais claros e sucintos, a nossa compreensão acerca dos textos lidos.

Uma metáfora capaz de explicar a importância das notas de literatura pode ser extraída do realismo mágico de “Funes, o memorioso”, conto do argentino Borges (2005), cujo protagonista, após um acidente, torna-se incapaz de esquecer o que quer que seja. Mesmo as situações comezinhas, em seus detalhes mais triviais, assomam à memória de Funes, sem que ele consiga selecionar o que merece (ou não) ser lembrado, reduzindo sua mente a uma massa informe e colossal de dados caóticos. Graças ao engenho de Borges, percebemos que uma memória tão prodigiosa, capaz de tudo reter, não seria uma vantagem, mas, na verdade, um suplício, afinal, “[...] pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair [...]” (Borges, 2005, *e-book*). Portanto, o papel das notas de literatura é nos ajudar a esquecer o que é menos significativo, guiando a nossa atenção para o acervo das informações que consideramos mais relevantes.

Nesse sentido, tanto Luhmann quanto Ahrens entendem que devemos ser seletivos com a criação das notas de literatura, pois, se tomássemos notas indiscriminadamente, como se tudo fosse igualmente importante, elas se tornariam inúteis, uma vez que o seu valor consiste, justamente, em que se atenham apenas ao que é mais relevante, esquecendo-se de todo o resto. Nessa mesma linha de raciocínio, os referidos autores argumentam que o uso de citações diretas, sejam curtas, sejam longas, deve ser ainda mais parcimonioso, pois, a seu ver, o recurso às transcrições, além de nos privar do trabalho criativo envolvido numa boa paráfrase, também nos libera do esforço cognitivo necessário à plena compreensão dos textos lidos³⁵.

Devemos escrever as notas de literatura como se fossem vir a ser publicadas. A ideia não é só forçar o pesquisador em seu processo de assimilação, mas também fazer delas um produto utilizável, podendo-se transpô-las, no futuro, para dentro de um trabalho acadêmico, com a necessidade de poucas modificações. Assim, poderão servir como ponto de partida de um raciocínio, exemplo argumentativo, fechamento de um parágrafo, as possibilidades são inúmeras.

Outro aspecto essencial às notas de literatura é que elas também devem conter todos os elementos referenciais. Essa é uma consequência lógica, uma vez que elas são criadas para que as utilizemos quando a oportunidade chegar. Ainda que jamais as usemos de fato, a ideia é que todas as informações necessárias estejam, desde logo, disponíveis, para facilitarmos o processo posterior de escrita e publicação. Organizando-nos dessa forma, garantimos a integridade de nossos futuros trabalhos, isentando-os de qualquer violação autoral ou ética, ao mesmo tempo em que ficamos desobrigados de refazer a leitura integral do texto objeto da nota de literatura.

(iii) Notas permanentes

Ainda de acordo com a tipologia de Ahrens, as notas permanentes se distinguem das notas de literatura por envolverem uma reflexão mais autônoma e criativa, que não pode ser diretamente extraída apenas da leitura do texto de origem. Devido ao seu grau superior de complexidade, tendem a ser mais longas que as notas de literatura, abrangendo parágrafos

³⁵Curiosamente, na contramão desse conselho, no caso específico deste artigo, optamos por fazer um uso um pouco mais expressivo de citações diretas, tanto para demonstrar que não ficamos apenas em comentadores, indo direto ao Luhmann; quanto para propiciar que seu texto chegasse com mais conforto ao público de língua portuguesa. Por fim, ressaltamos que, embora as citações diretas sejam todas nossas, elas não se deram a partir da versão alemã de 1992, tendo sido realizadas a partir da tradução de 2015 para o inglês, conforme creditado nas referências.

inteiros. De forma ainda mais acentuada, devemos escrever as notas permanentes para vê-las publicadas, razão pela qual a sua formalização exige mais investimento.

As recomendações de Ahrens – com esteio no método originalmente concebido por Luhmann – reforçam a compreensão de que, sendo as notas um mero instrumento, e não um fim em si mesmo, devemos tomá-las com o objetivo de memorizar, aprender, reproduzir e criar ideias e reflexões publicáveis em trabalhos futuros, sejam blogs, artigos, dissertações ou teses. Escrever notas para que venham a ser lidas, no futuro, é a forma mais efetiva de nos obrigarmos a antecipar, sob a forma de pré-escrita, uma parte significativa do trabalho que nos esperaria mais tarde, com as vantagens de que, devido à sua proximidade com o momento da leitura, as informações e reflexões constantes em tais notas ainda permanecem bem frescas na memória, e já não correm o risco de se perder em meio ao restante da bibliografia compulsada.

Há dois momentos distintos para elaborarmos uma nota permanente: o primeiro se dá durante a própria leitura, quando surgir um *insight* capaz de suscitar um raciocínio longo e complexo; o segundo é em um momento especificamente dedicado a isso, sugestão, inclusive, feita por Ahrens. Devemos ponderar que a elaboração de uma nota permanente, durante a leitura, torna-a ainda mais lenta, uma vez que as notas de literatura já contribuem para isso. Por outro lado, nada impede que uma nota criada durante a leitura venha a ser aperfeiçoada posteriormente. Nesse sentido, Ahrens sugere que o pesquisador reserve algumas horas, em um dado dia da semana, para refletir sobre suas notas de literatura e, a partir delas, desenvolver notas permanentes, tendo em vista que estas últimas podem contribuir de forma mais efetiva e original para o avanço do respectivo campo de conhecimento.

Durante esse tempo semanal sugerido, há outra tarefa que devemos realizar: identificar e apontar conexões, tanto entre as notas permanentes, quanto entre elas e as notas de literatura, de sorte a que novas ideias possam vicejar. Essa tarefa, realizada de modo analógico por Luhmann, vem sendo exponencialmente facilitada por várias ferramentas tecnológicas (como o Obsidian ou o Notion, entre outras), em versões gratuitas ou pagas, que maximizam as vantagens do modelo luhmanniano. Destacamos o fato de que o seu ecossistema cria uma aclimatação propícia à serendipidade, pois, possibilita uma paisagem mais rizomática e menos hierarquizada, favorecendo o surgimento de conexões menos óbvias, e, portanto, mais criativas. O ambiente descentralizado desse sistema permite que partamos, literalmente, de qualquer das notas disponíveis, além de podermos refletir sobre qualquer nota de forma individualizada, sem que isso comprometa a tarefa.

(iv) Produtos intermediários

Notas permanentes são elementos atomizados de um ou dois parágrafos prontos para uso. Dois parágrafos, contudo, não são material suficiente para elaborar uma seção ou tópico de um trabalho. É necessário o desenvolvimento e adequação de várias notas permanentes e de literatura para que o texto se estruture de maneira coerente. É nesse momento que entram em cena o que Neiva (Onze Supremos, 2023) convencionou chamar de “produtos intermediários”. Estes são o resultado do cruzamento e desenvolvimento de notas presentes em nosso acervo. A criação desse produto tem como objetivo garantir ao pesquisador material suficiente para estruturar um tópico ou seção de um trabalho. Enquanto notas permanentes têm um ou dois parágrafos, produtos intermediários são folhas inteiras que, após ajustes, podem ser introduzidos em um artigo, dissertação ou tese, ou podem também gerar uma produção técnica, como é o caso de um artigo de opinião ou ensaio breve, publicado em um jornal ou site de divulgação acadêmica, entre várias possibilidades.

As conexões entre notas permanentes têm como resultado natural a geração de produtos intermediários, guardando muito mais relação com um trabalho longo, paciente e miúdo, do que com rompantes de inspiração. Com efeito, o raciocínio e a reflexão se formam e se transformam na medida em que nossas leituras avançam, portanto, trata-se, na verdade, de um <<trabalho artesanal>> (Mills, 2017), a despeito de todo o aparato tecnológico disponível hoje.

6 “Deixemos de coisas [e] cuidemos da vida”³⁶ [considerações finais]

“[...] mais constantes que brilhantes [...]”
(Escrivá, carta 6, ponto 35).

“Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes”
(Escrivá, Caminho, ponto 815).

"Ele fez bem todas as coisas"
(Marcos, cap. 7, v. 37).

A noite cai, lenta e rarefeita. Os bichanos já se recolheram – é tarde, até para eles. Aos nossos pés, apenas uma pequena gata resiste, entre bocejos, à ideia de nos deixar aqui, às voltas com a responsabilidade de concluir. Seus olhos verdes nos espreitam de soslaio, como a nos perguntar: “Esse artigo das mil e uma noites... não termina nunca mais?...”

³⁶ Fragmento da letra de Belchior para a canção “Na hora do almoço”, lançada em 1971,

O cinema da memória corta a cena, e puxa outra, em *flashback*, com uma antiga professora nossa, do doutorado, rabiscando-nos um bilhete de encorajamento em um guardanapo na cantina da universidade, pouco antes de marcarmos a banca de defesa: “Tese, a gente não termina: a gente para de fazer”. No apagar das luzes, com prazos findos, eis a verdade mais atávica para o escritor que lida com a dinâmica do universo acadêmico: é preciso concluir o artigo, a dissertação, a tese, e seguir viagem, mesmo que a gralha proteste, dentro de nós, grasnando, em altos brados, que ainda haveria tanto por ler, que faltou isso, que faltou aquilo etc., etc. *Ah*, a falta é tão onipresente [se é que o leitor nos permite essa contradição em termos], porque ela obedece ao seu destino cego e inescapável, sendo – como é – inerente à condição humana.

Ecco: é hora de conter-nos. Não pelo previsível sobressalto dos patrulheiros da linguagem acadêmica, afinal, como dizia o mais irreverente sociólogo da Escola de Chicago: “A metodologia é importante demais para ser deixada aos metodólogos” (Becker, 1999, p. 17). Encerremos, pois, em atenção aos nossos pareceristas, que nos devotam sua leitura heroica; aos nossos diagramadores, a quem esfalfamos com tantas notas de rodapé; e aos nossos alunos de metodologia, cujas retinas fustigamos com tão longa jornada.

No decurso da pesquisa, moveu-nos o desejo de descobrirmos *como* escrever textos acadêmicos com mais ordem, paz e alegria, ancorados em um propósito que ultrapassasse as fronteiras do próprio umbigo. Ora, o esforço de um ourives é significativo, porque o desejo de bem servir o mantém capaz de ver, sob a pedra bruta, a promessa de uma joia delicada, cuja realização mais plena depende de sua capacidade de continuar vendo beleza no processo mesmo de buscá-la. Por isso, o artesão que esculpe a palavra é, por ela, esculpido.

Mas, em nosso ofício de artesãos-pesquisadores, constatamos que é preciso tempo sob o sol para quarar a palavra-pedra, e assim, fazer emergir suas possibilidades mais luminosas. Tudo isso nos traz às questões de fundo que permearam este trabalho, pois, como é possível escrevermos um texto de ourivesaria, bem-acabado, se, no campo do Direito, estamos tão premidos por uma demanda oceânica de leituras? Como conjugar o tempo de leitura e o tempo de escritura, dividindo-nos entre tarefas tão exigentes, sem que os esforços de uma arrefeçam os que devotamos à outra – e vice-versa? Que estratégias podemos empregar para que, na verdade, leitura e escritura se fundam em uma só e mesma coisa?

Percebendo o tamanho de nossas limitações, contingências e vicissitudes, meditamos, por muito tempo, sobre como haveríamos de propor soluções para o leitor, se esta primeira autora – a quem cumpriu abrir e fechar nosso artigo – era, ela própria, uma paciente à espera de

possíveis tratamentos para esses males? Numa palavra: como dar o que ainda não tínhamos? E como nos propormos a isso, sem incorreremos numa impostura, fazendo-nos passar pelo que [ainda] não somos?

As respostas para esses – e para outros – dilemas, nós as encontramos em três dimensões: (i) no recurso à *autoetnografia*, convertemos o *making of* do processo de escrita deste texto em matéria-prima para a nossa pesquisa. Em um esforço metalinguístico, procuramos observar e descrever, tanto quanto possível, os bastidores da pré-escrita deste artigo, ao mesmo tempo em que nos propúnhamos a apresentá-la como ferramenta estratégica para o ofício de quem pesquisa; (ii) no recurso à *pesquisa bibliográfica interdisciplinar*, buscamos suprir a escassez de referenciais sobre o tema da pré-escrita na literatura metodológica do Direito, buscando aportar uma contribuição efetiva para o desenvolvimento de nossa área; (iii) por fim, mediante o apelo a pesquisadores nos quais confiamos, e cujas competências e habilidades não temos, usamos essa ocasião de pesquisa e de escrita como oportunidade para estreitarmos as trocas e o aprendizado junto a eles, de modo a concluirmos esta travessia mais proficientes em pré-escrita do que éramos, quando tudo começou.

Assim, entendemos ter alcançado o nosso objetivo de maximizar a dinâmica entre leitura e escritura, ao vivenciarmos e apresentarmos diversas técnicas de leitura ativa e de pré-escrita, inclusive com o uso, por parte de nossos colegas, da caixa de notas luhmanniana (*zettelkasten*). Observamos, ainda, que tais estratégias são, em si mesmas, ferramentas de antecipação do processo de escrita, promovendo uma saudável diluição das fronteiras entre leitura e escritura. Isso nos permitirá uma mudança de *mindset*, afastando essa aparente tensão entre o tempo destinado à leitura e o tempo dedicado à escritura, uma vez que ambos passam a ser concebidos como tarefas simultâneas e complementares, dentro de uma visão mais orgânica e harmoniosa da atividade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADDIO a Umberto Eco. Università degli Studi di Napoli Federico II, Napoli, Itália, [2016?]. Disponível em: <https://www.unina.it/-/12105983-addio-a-umberto-eco>. Acesso em: 8 jan. 2024.

ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros**: o guia clássico para a leitura inteligente. Tradução de Edward Horst Wolff, Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

AHRENS, Sönke. **How to take smart notes**: one simple technique to boost writing, learning and thinking – for students, academics and nonfiction book writers. [S. l.]: Amazon Digital Services, 2017.

ALDRICH, Chris. Mortimer J. Adler's, Syntopicon: a topically arranged collaborative slipbox. **Research & Reading, Zettelkasten Forum**, July 2023. Disponível em: <https://forum.zettelkasten.de/discussion/2623/mortimer-j-adlers-syntopicon-a-topically-arranged-collaborative-slipbox>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão Renato Aguiar. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BEDÊ, Fayga Silveira; CAETANO, João Carlos Relvão; LIMA, Matheus Cavalcante. Quanto devo (pre)ocupar-me com a originalidade da minha pesquisa? tradição e inovação no processo de escrita em direito – uma análise interdisciplinar. **Revista Jurídica**, Curitiba, v. 4, n. 61, p. 153-193, nov. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/revistajur.2316-753X.v4i61.4550>. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/4550/371372722>. Acesso em: 5 dez. 2023.

BEDÊ, Fayga Silveira; SOUSA, Raphaella Prado Aragão de. Metáforas sobre o tempo e estilização da escrita acadêmica em direito: tempo de criação ou de produção? um diálogo com a literatura. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 525-545, dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.42.525-545>. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/474>. Acesso em: 2 set. 2023.

BEDÊ, Fayga Silveira; VELOSO, Antônio Rodolfo Franco Mota; BEZERRA, Stéfani Clara da Silva; BARCELOS, Gabriela de Oliveira. Ensaio sobre a página em branco: o processo de escrita acadêmica em direito e seus bastidores – o que podemos aprender com a literatura. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 120, p. 107-158, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.9732/rbep.v120i0.717>. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/717>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BOICE, Robert. **Professors as writers**: a self-help guide to productive writing. Stillwater, Oklahoma: New Forums Press, 1990. *E-book*.

BOLKER, Joan. **Writing your dissertation in fifteen minutes a day**: a guide to starting, revising, and finishing your doctoral thesis. New York: Owl Books, 1998. *E-book*.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Antologia pessoal**. Tradução de Davi Arrigucci Junior, Heloisa Jahn, Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. *E-book*.

BOURE, Alexandre. Os 4 tipos de escritor. **Blog Design do Escritor**. 19 set. 2022. Disponível em: <https://www.designdoescritor.com/post/2019/02/01/os-4-tipos-de-escritor>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CARREIRA, Luiz. **Processo criativo, propósito e vocação**. Entrevista cedida a Débora Alcantara. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (125 min). Publicado pelo canal Tudo Orna. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/41RePJjEA9g>. Acesso em: 17 out. 2024.

CASTORIADIS, Cornelius. **Janela sobre o caos**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

CHEMAMA, Roland (org.). Economia psíquica. *In*: CHEMAMA, Roland (org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COSTA, Everton Garcia da; NEBEL, Leticia. O quanto vale a pena dor? estudo sobre saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682018000200207&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2024.

COVEY, Stephen R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes**. 52. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.

CRUZ, Robson. **Bloqueio da escrita acadêmica**: caminhos para escrever com conforto e sentido. Belo Horizonte: Artesã, 2020.

CURREY, Mason. **Os segredos dos grandes artistas**: conheça os rituais diários de Van Gogh, Benjamin Franklin, Freud, Woody Allen, Goethe, entre outros. Tradução Sabine Alexandra Holler. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

FAGGION, Andrea. **A Arte de Tomar Notas no Obsidian**: parte 1. [S. l.: s. n.], 2021a. 1 vídeo (31 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=39x5AacKlR4>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FAGGION, Andrea. **A Arte de Tomar Notas no Obsidian**: parte 2. [S. l.: s. n.], 2021b. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cgr9-JXx4U8>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FAGGION, Andrea. **A Arte de Tomar Notas no Obsidian**: parte final. [S. l.: s. n.], 2021c. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3RLXSd7osyw>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FLAUBERT, Gustave. **Cartas exemplares**. Tradução Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GANDA, Danielle Ribeiro; BORUCHOVITCH, Evely. Self-handicapping strategies for learning of preservice teachers. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 32, n. 3, p. 417-425, Sept. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2015000300417&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul. 2024.

GIDI, Antonio. **Redação Jurídica**: estilo profissional – forma, estrutura, coesão e voz. Salvador: JusPodivm, 2022.

GRAFF, Gerald; BIRKENSTEIN, Cathy. **Eles falam, eu falo**: um guia completo para desenvolver a arte da escrita. Tradução de Rafael Anselmé. 2. ed. Ribeirão Preto: Novo Conceito Editora, 2011.

HEMINGWAY, Ernest. A arte da ficção 21. In: THE PARIS REVIEW. **As Entrevistas da Paris Review**. Tradução Christian Schwartz e Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 1. p. 58-92.

JENSEN, Joli. **Write no matter what**: advice for academics. Chicago: The University of Chicago Press, 2017. *E-book*.

KAUATI, Adriana. Síndrome do impostor e a vida acadêmica. **Interparadigmas**, v. 1, n. 1, p. 75-88, jan./dez. 2013. Disponível em: <http://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Interparadigmas-Ano-01-N-01-Kauati.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

KELLOGG, Ronald T. **The Psychology of Writing**. New York: Oxford University Press, 1994. *E-book*.

KING, Stephen. **Sobre a escrita**. Tradução Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. *E-book*.

LAMOTT, Anne. **Palavra por palavra**: instruções sobre escrever e viver. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Sextante, 2022. *E-book*.

LEVECQUE, Katia *et al.* Work organization and mental health problems in PhD students. **Research Policy**, v. 46, n. 4, p. 868-879, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733317300422>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LEWIS, C. S. **Sobre escrever**: uma miscelânea de conselhos e opiniões. Tradução de Elissamai Bauleo, Francisco Nunes, Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023. *E-book*.

LUHMANN, N. **Communicating with slip boxes: an empirical account**. Tradução de Manfred Kuhen. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://luhmann.ir/wp-content/uploads/2021/07/Communicating-with-Slip-Boxes.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2024.

MARMELSTEIN, George. **Superaprendizagem: a ciência da alta performance cognitiva**. São Paulo: Objetiva, 2023. *E-book*.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. In: OLIVEIRA, Marly de (org.). **João Cabral de Melo Neto: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENGHINI, Luigi. Memoria storica, simbologia e scienza nel *Giardino dei Semplici* dell'Università 'G. d'Annunzio'. In: MARIANI, Andrea (ed.). **Riscritture dell'eden**. Poesia, poetica e politica del giardino. Milano: LED Edizioni Universitarie, 2012. v. 7, p. 251-268.

MEURER, Alison Martin; COSTA, Flaviano. Eis o melhor e o pior de mim: fenômeno impostor e comportamento acadêmico na Pós-graduação Stricto Sensu dos cursos da área de negócios. In: USP INTERNATIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING, 19., 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: https://congressosp.fipecafi.org/anais/Anais2019_NEW/ArtigosDownload/1620.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção e introdução de Celso Castro. Tradução de Maria Luiza X. de A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2017. *E-book*.

NASSER, José Monir. Lendo Mortimer Adler como Mortimer Adler nos ensina a ler. In: ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente**. São Paulo: É Realizações, 2010. p. 11-17.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de *et al.* Oficinas de Gestão do Tempo com Estudantes Universitários. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 224-233, mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001482014>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100224&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 set. 2022.

ONZE SUPREMOS. #137 Como tomar notas. Entrevistador: David Sobreira. Entrevistado: Horacio Neiva. [S. l.]: Produção de David Sobreira, 28 abr. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6RFpZ02sRUbg18soSBGwNz?si=0c5252d9f2034032>. Acesso em: 19 jun. 2023.

OPPEZZO, Marily; SCHWARTZ, Daniel L. Give your ideas some legs: the positive effect of walking on creative thinking. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, v. 40, n. 4, p.1142-1152, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0036577>.

PAYOT, Jules. **A educação da vontade**. Tradução Roberto Mallet. Campinas, SP: Kírión, 2018.

PROVOST, Gary. **Cem maneiras de melhorar a escrita**. Tradução Marco Neves. Lisboa: Guerra e Paz, 2017.

ROCHA, Jessika. **Como implementar o Zettelkasten no #Obsidian**. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (30 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6n-skHJSOxQ>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SASCHA. **Introduction to the Zettelkasten Method**. 27 Oct. 2020. Disponível em: <https://zettelkasten.de/introduction/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 20 out. 2023.

SATINSKY, Emily N. *et al.* Systematic review and meta-analysis of depression, anxiety, and suicidal ideation among Ph.D. students. **Scientific Reports**, v. 11, p. 14370, July 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-021-93687-7#citeas>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos**. Tradução de Roberto Mallet. Campinas, SP: Kíron, 2019. *E-book*.

STERNBERG, David. **How to complete and survive a doctoral dissertation**. New York: Macmillan Publishers, 2024. *E-book*.

VAN GOGH, Vicente. **Cartas a Théo**. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. *E-book*.

WALKER, Matthew. **Por que nós dormimos?** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ZINSSER, William. **Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção**. Tradução de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Fósforo, 2021. *E-book*.